



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS

Guilherme Vinicius Rodrigues

**CONHECIMENTOS E ATITUDES DE PRODUTORES DE LEITE EM RELAÇÃO
AO BEZERRO MACHO LEITEIRO**

Florianópolis

2021

Guilherme Vinicius Rodrigues

**CONHECIMENTOS E ATITUDES DE PRODUTORES DE LEITE EM RELAÇÃO
AO BEZERRO MACHO LEITEIRO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação
em Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de Mestre em
Agroecossistemas.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria José Hötzel

Coorientadora: Dra. Clarissa Silva Cardoso

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodrigues, Guilherme Vinicius
CONHECIMENTOS E ATITUDES DE PRODUTORES DE LEITE EM
RELAÇÃO AO BEZERRA MACHO LEITEIRO / Guilherme Vinicius
Rodrigues ; orientadora, Maria José Hötzel, coorientadora,
Clarissa Silva Cardoso, 2021.
65 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós
Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Agroecossistemas. 2. Produção de Leite. 3. Bem-estar
animal. 4. Atitudes. I. Hötzel, Maria José. II. Cardoso,
Clarissa Silva. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. IV.
Titulo.

Guilherme Vinicius Rodrigues

**Conhecimentos e atitudes de produtores de leite em relação ao bezerro macho
leiteiro**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho, Dr.
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dayane Lemos Teixeira, Dra.
Instituição Universidad de O'Higgins

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em agroecossistemas.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^a. Maria José Hötzel, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2021.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar aqui o meu agradecimento às inúmeras boas almas que me ajudaram no mestrado. Não há ordem que traduza a importância de cada pessoa, pois cada um tem parte fundamental nesta jornada de crescimento pessoal e intelectual.

À minha esposa, Angélica, por todo o seu amor, dedicação, companheirismo e pelo lindo caminho que trilhamos juntos.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e por não medirem esforços pelo meu crescimento e amadurecimento. À minha irmã, Amanda, por ser essa amiga presente e grande apoiadora de todos os momentos de minha vida. Aos meus familiares, amigos e até desconhecidos por todo apoio ao longo deste período. Sou muito feliz por todo carinho recebido.

À minha orientadora Maria José, por seu profissionalismo e por ser uma “mãe”. Mãe no sentido de acreditar em mim, me ajudar a superar os momentos difíceis, me escutar, cobrar e corrigir com autoridade o que estivesse errado, indicar o caminho certo e torcer por meu crescimento e sucesso.

À minha coorientadora Clarissa, por ser inspiração como pesquisadora, fonte de segurança para mim durante este trabalho e companheira de jornada universitária.

Aos estimados membros da banca, pela participação e contribuição à esta pesquisa e à minha formação.

Às pessoas que me ajudaram no desenvolvimento prático deste trabalho, especialmente Raphaela e Bianca pelo companheirismo e ajuda mútua na coleta de dados. Aos queridos amigos do LETA, especialmente Daniela e Rita que me acompanharam de perto no dia-a-dia acadêmico. Sou feliz pela convivência agradável e pela parceria deste grupo.

A todos os produtores de leite envolvidos nesta pesquisa. Tenho imensa admiração por sua importante missão, por seu acolhimento com os pesquisadores e pela partilha de suas vidas. À todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para a minha saúde durante o mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas pela dedicação na formação de pessoas mais justas, éticas e atuantes pelo bem-comum. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo, pelo dom da vida e da fé, pela misericórdia e providência e pelas inúmeras graças em minha vida.

RESUMO

O bezerro macho de raça leiteira é considerado um excedente e um problema do sistema de produção leiteira devido o seu baixo valor econômico. Grande proporção desses bezerros são sacrificados com poucos dias de vida, na maior parte dos casos pelos próprios produtores de leite, a campo. Esses produtores enfrentam um dilema ético e econômico em relação ao destino dos bezerros leiteiros. O destino dos bezerros recém-nascidos no setor leiteiro tem atraído a atenção da sociedade para o caráter ético deste sistema, impulsionada por campanhas divulgando o tema. Procurando promover a sustentabilidade do setor, focando na sua aceitação social, na qualidade de vida dos produtores e no bem-estar animal, é preciso compreender essa realidade. Nosso objetivo foi investigar os conhecimentos e atitudes de produtores de leite em relação ao bezerro macho de raça leiteira. Para isso, conduzimos entrevistas semiestruturadas aprofundadas e presenciais com 58 produtores de leite na região sul de Santa Catarina, Brasil. Os temas abordados abrangiam a opinião sobre o nascimento do bezerro, as motivações e implicações do destino escolhido para o animal, as alternativas consideradas viáveis para evitar o sacrifício e a relação com outros envolvidos na cadeia leiteira (consumidores, assistência técnica e outros produtores). As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas qualitativamente. O sacrifício do bezerro logo após o nascimento foi uma alternativa mencionada por 70% dos produtores de leite. Os entrevistados expressaram desconforto, insatisfação ou resignação com a prática, mas a executavam alegando ser a única alternativa econômica. As opiniões sobre uso do sêmen sexado para reduzir o nascimento de machos foram diversas e poucos produtores o utilizavam. Já a inseminação de parte das vacas com sêmen de raças de corte foi uma prática muito citada e percebida como uma forma de agregar valor ao bezerro nascido. A doação do bezerro foi descrita como uma alternativa paliativa ao sacrifício do animal, embora a carência de interessados no bezerro macho causava incerteza quanto à opção. Identificamos que o transporte entre propriedades e o método de sacrifício a campo foram as práticas que mais comprometiam o bem-estar animal. Uma proposta hipotética de recolhimento dos bezerros machos foi bem recebida pelos produtores, que relataram a possibilidade de criar o animal pelo período de produção de colostro. Os produtores percebiam os técnicos como fonte de informação pouco capacitada no tema do bezerro leiteiro e os consumidores como pouco cientes ou interessados no destino desses animais. Observamos que a pressão econômica é a principal causa do problema do bezerro macho e interfere nas atitudes dos produtores assim como na sua autonomia, limitando a possibilidade de mudanças no sistema. Concluímos que o bezerro leiteiro macho ainda é um desafio pouco abordado, intrínseco ao sistema de produção leiteira vigente e que requer urgência na busca de alternativas para atender as demandas da sociedade.

Palavras-chave: sacrifício; bem-estar animal; consumidores; sêmen sexado; transporte.

ABSTRACT

Male dairy calf is considered a surplus and a problem in dairy systems due to its low economic value. Great proportion of these male dairy calves are sacrificed within a few days after birth on farm by the farmers. These dairy farmers face an economic and ethical dilemma towards the fate of male dairy calves. The fate of newborn male dairy calves has driven society's attention to the ethicality of the dairy system, pushed by campaigns spreading the topic. It is important to comprehend this reality in order to promote the sustainability of the sector, focusing on its social acceptance, farmers wellbeing and animal welfare. Our aim was to investigate knowledge and attitudes from dairy farmers regarding the male dairy calf. We conducted in-depth semi-structured face-to-face interviews with 58 dairy farmers in southern Santa Catarina, Brazil. Topics covered farmer's opinion about calf birth, motivation and implications of animal's fate chosen, viable alternatives to avoid sacrificing and relationship with other stakeholders (consumers, technicians and other farmers). Interviews were audio recorded, transcribed and analyzed using qualitative approach. Sacrificing the male dairy calf soon after birth was mentioned by 70% of dairy farmers. Interviewees expressed discomfort, dissatisfaction or resignation to killing, but believed that was the only alternative. Opinions about using sexed semen to reduce male conception were diverse and few producers use it. On the other hand, beef breed insemination was a highly mentioned practice and perceived as a way to add value to male calves. Male dairy calf donation was recognized as a palliative practice to animal killing, although the lack of interested people on male calves was causing uncertainty about the future of this practice. We identified transportation between farms and on farm sacrificing method as the attitudes that most compromised animal welfare. A hypothetical proposal of collecting the newborn male dairy calves was well received by farmers, who declared possibility to raise the calves for the colostrum period. Dairy farmers perceived technicians as not well capable source of information about male dairy calf issue and consumers as less concerned or interested on the fate of these animals. We observed that economic pressure is the main cause to the male dairy calf problem and interfere on farmers attitudes and autonomy, restraining possibilities to change the system. We concluded that the male dairy calf is an intrinsic component of current dairy systems that indicates the urgent need for the search for alternatives, in order to fulfill societal demands.

Keywords: Sacrifice. Animal Welfare. Consumers. Sexed Semen. Transportation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados demográficos dos produtores de leite entrevistados.....	23
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	OBJETIVO.....	19
2.1	Objetivos específicos	19
3	METODOLOGIA.....	20
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO DO ESTUDO	20
3.2	SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	20
3.3	ESTRUTURA E APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	21
3.4	ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	21
3.5	ANÁLISE DE DADOS	22
4	RESULTADOS	23
4.1	Características demográficas dos produtores de leite	23
4.2	Opinião sobre o nascimento de bezerros machos e fêmeas	24
4.3	Atitudes em relação às alternativas para evitar o nascimento do macho leiteiro: sêmen sexado e inseminação com raça de corte	25
4.4	Destino do bezerro leiteiro macho	27
4.5	O sacrifício do bezerro macho	29
4.6	Doação ou venda do bezerro macho	32
4.7	Transporte dos bezerros doados ou vendidos	34
4.8	Criação dos bezerros na propriedade	35
4.9	Fontes de informação sobre soluções para os machos na propriedade leiteira.....	36
4.9.1	Relação com os técnicos.....	36
4.9.2	Relação com outros produtores da região	37
4.10	OPINIÃO DOS PRODUTORES SOBRE OS CONSUMIDORES	38
4.11	PERCEPÇÃO DOS PRODUTORES SOBRE BEM-ESTAR	40
5	DISCUSSÃO	42
5.1	O sacrifício do bezerro macho e suas implicações	42

5.2	Raça Jersey	47
5.3	Bezerro mestiço	48
5.4	Sêmen sexado	49
5.5	Transporte	50
5.6	Doação de bezerros.....	51
5.7	Coleta de bezerros recém-nascidos.....	52
5.8	Opinião sobre a assistência técnica.....	53
5.9	Opinião sobre consumidores.....	54
5.10	Opinião dos produtores sobre bem-estar animal	56
5.11	Considerações finais	57
6	Conclusão.....	59
7	REFERÊNCIAS.....	60
8	APÊNDICE A – Roteiro da entrevista.....	67

1 INTRODUÇÃO

A especialização dos sistemas agropecuários na busca por maior produtividade provocou mudanças no manejo dos agroecossistemas, como a intensificação do potencial genético dos rebanhos para a produção de leite (BALCÃO et al., 2017) e a predominância do uso de inseminação artificial. Neste cenário, o bezerro macho tem pouco ou nenhum valor para o produtor rural (USDA, 2021), uma vez que tem menos aptidão para a produção de carne e raramente é usado como reprodutor. Por isso, o bezerro macho de raça com pura aptidão para a produção de leite é considerado um excedente e um problema do sistema de produção leiteira (CARDOSO, C. S.; ULLER-GÓMEZ; HÖTZEL, 2017).

Alguns bezerros machos são criados e destinados para o consumo de subsistência na propriedade (HÖTZEL et al., 2014). Produtores de leite da região sul do Brasil alegam que não criam todos os bezerros em razão da falta de recursos, como a escassez de pastagem, e do custo do leite, que poderia ser comercializado ao invés de utilizado para consumo dos bezerros (HÖTZEL et al., 2014). Entretanto, devido ao baixo valor econômico do bezerro macho na produção leiteira, é comum a ocorrência do sacrifício desses animais logo após o nascimento. Sacrificar o bezerro macho recém-nascido nem sempre é uma prática agradável e desejável ao produtor de leite (CARDOSO, C. S.; ULLER-GÓMEZ; HÖTZEL, 2017) e pode ter implicações em sua saúde mental. O ato de sacrificar o bezerro leiteiro recém-nascido é comum na bovinocultura leiteira mundial, embora pouco documentada. No entanto, existem registros da ocorrência desta prática em locais como Canadá (RENAUD et al., 2017) e Reino Unido, onde cerca de 22% dos bezerros machos são abatidos após o nascimento (HASKELL, 2020). Na Austrália, aproximadamente 400 mil bezerros “excedentes” (*bobby calves*) são mortos em abatedouros anualmente, sendo a maioria deles machos (DAIRYAUSTRALIA, 2020). Na Nova Zelândia 2,2 milhões de bezerros são abatidos entre os quatro a sete dias de vida a cada ano (BOULTON, A. C. et al., 2020). Na região sul do Brasil, pesquisadores encontraram que 23% (FRUSCALSO; ANTILLÓN; HÖTZEL, 2017) e 35% (HÖTZEL et al., 2014) dos produtores sacrificavam todos os bezerros machos após o nascimento. O número de bezerros abatidos informalmente pode ser ainda maior em razão da falta de registros sobre esse assunto.

O maior conhecimento da população sobre as práticas agropecuárias tem ampliado o debate sobre algumas práticas consideradas controversas para o bem-estar animal (HÖTZEL et al., 2017). A situação do bezerro macho tem despertado a atenção da sociedade, impulsionada pela divulgação de vídeos expondo maus tratos (GULLIVER, 2014) e pelo sacrifício dos bezerros machos, que comumente é realizado a campo através da concussão na cabeça

(traumatismo craniano) (HÖTZEL et al., 2014; RENAUD et al., 2017). O bem-estar animal é um assunto cada vez mais presente nas discussões sobre a criação de animais. As pesquisas científicas têm consolidado que os animais são seres sencientes, isto é, capazes de experimentar dor e emoções tanto positivas quanto negativas (DUNCAN, 2006). Diante deste fato, cresce a concepção de que os humanos têm obrigação moral para com os animais, isto é, de proteger os animais de dor e sofrimento desnecessários e moralmente inaceitáveis. O engajamento da sociedade tem influenciado e transformado os sistemas de criação de animais, principalmente para o produtor rural. Exemplos de mudanças oriundas da pressão pública são o banimento de gaiolas em bateria para galinhas poedeiras e gaiolas individuais de gestação para porcas, ambas na União Europeia e em alguns estados americanos (CENTNER, 2010). Já existem mobilizações sobre o destino de bezerros machos da produção leiteira em outros países, como na Austrália (SULLIVAN, 2018), apesar de menos influentes do que outras iniciativas da causa animal.

Diante deste dilema, o produtor rural tem algumas alternativas disponíveis ao invés da eliminação do bezerro leiteiro. O uso de sêmen sexado é atualmente a opção mais difundida para evitar a concepção de um bezerro macho, visto que possui nível de garantia de aproximadamente 90% na determinação do sexo da cria em bovinos (HOLDEN; BUTLER, 2018). Outras possibilidades existentes são a criação de raças de dupla aptidão, isto é, que possuem genótipos adaptados tanto para a produção de leite quanto para a produção de carne, ou gerar bezerros de raças mestiças através da inseminação de raças de corte em vacas leiteiras. A criação, doação ou venda do bezerro leiteiro, mesmo sendo geneticamente melhorado para a produção de leite, também são recursos para evitar o prejuízo e a morte imediata desses animais. O aproveitamento em maior escala de bezerros machos leiteiros para a produção de carne ocorre principalmente na forma de vitelo, sendo comum no mercado europeu. Estudos também demonstraram o potencial de criação e engorda do bezerro leiteiro para a produção de carne e algumas iniciativas promissoras estão buscando a valorização deste produto no mercado (BOLTON, 2019; HASKELL, 2020).

A raça Jersey é comumente utilizada na bovinocultura de leite brasileira, especialmente no sul do país. Os atributos que contribuem para a preferência por esta raça são a docilidade, o porte reduzido, a qualidade do leite, a rusticidade e a maior adaptação a terrenos declivosos. Outra característica relevante da raça Jersey é o potencial para a produção de carne, embora pouco difundido e valorizado pelo mercado. Nesse âmbito, a raça Jersey se destaca pela

qualidade de carne em razão da maior presença de gordura intramuscular, que confere maior maciez (MALAU-ADULI et al., 2000) e uma melhor experiência de consumo (MORRIS; NAVAJAS; BURNHAM, 2001).

As raças de aptidão leiteira favorecem o sacrifício do bezerro macho leiteiro por apresentarem crescimento lento e menor rendimento de carcaça em comparação às raças de corte (COLE et al., 1964; COLEMAN et al., 2016). Neste contexto, as características genéticas da raça Jersey parecem incitar o sacrifício do bezerro macho recém-nascido, principalmente pelo baixo valor oferecido por estes animais, que desvaloriza e desestimula a sua criação e venda. A partir desta premissa, surgiu a necessidade de investigar como a raça Jersey se relaciona com a destinação do bezerro macho leiteiro.

De todos os membros da cadeia leiteira, o produtor rural é o principal envolvido com a questão do bezerro macho e, possivelmente, é o mais afetado por ela. Apesar das alternativas disponíveis, este problema ainda não possui um direcionamento satisfatório, especialmente para o produtor de leite. A decisão sobre o destino dos bezerros leiteiros, por parte do produtor, é influenciada por diversos fatores, principalmente econômicos, éticos, sociais e ambientais. Algumas percepções sobre o destino do bezerro leiteiro foram exploradas em pesquisas anteriores (HÖTZEL et al., 2014; CARDOSO, C. S.; ULLER-GÓMEZ; HÖTZEL, 2017). Para alguns produtores, o valor intrínseco do animal e a empatia em relação ao bezerro recém-nascido eram mais importantes que seu valor econômico, mesmo diante das limitações físicas e financeiras para criar o macho. Isto ressalta a importância de investigar o conhecimento e a opinião dos produtores para compreender melhor suas atitudes. As atitudes dos produtores a respeito do destino dos bezerros machos não estão bem esclarecidas e poucos estudos abordam este tema. Neste sentido, a pesquisa social tem contribuído com o entendimento das atitudes dos envolvidos com o setor leiteiro, como produtores, técnicos e consumidores (VON KEYSERLINGK; WEARY, 2017). As ciências sociais aplicadas à pesquisa ajudam no diagnóstico de questões importantes (como o bem-estar animal) e favorecem a conformidade entre as práticas do sistema de produção leiteira e as demandas da sociedade (WEARY; VENTURA; VON KEYSERLINGK, 2016).

Consumidores têm atribuído maior importância para a sustentabilidade da produção agropecuária e dos agroecossistemas. A sustentabilidade no contexto rural pode ser definida como “aquela que equilibra uniformemente as preocupações com aptidão ambiental, viabilidade econômica e justiça social entre todos os setores da sociedade” (ALLEN et al., 1991), embora este conceito esteja em constante evolução conforme o desenvolvimento

científico e social (VAN CALKER et al., 2005). Além disso, o bem-estar animal tem sido cada vez mais incorporado ao conceito de sustentabilidade e existe a preocupação de que a produção animal seja considerada insustentável pela sociedade caso haja discordância com as práticas de criação animal realizadas (BOOGAARD; OOSTING; BOCK, 2008; TUCKER; MENCH; VON KEYSERLINGK, 2013). Por isso, para promover a sustentabilidade da produção leiteira é necessária a compreensão dessa realidade, focando na sua aceitação social, na qualidade de vida dos produtores e no bem-estar animal.

Através deste estudo, buscamos preencher a falta de informação existente e expandir o debate a respeito do bezerro macho nos sistemas de produção leiteira. Por isso, o objetivo deste estudo foi investigar os conhecimentos e atitudes de produtores de leite em relação ao bezerro macho da raça leiteira Jersey.

2 OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi investigar os conhecimentos e atitudes de produtores de leite em relação ao bezerro macho da raça leiteira Jersey.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o conhecimento e as atitudes dos produtores em relação as alternativas existentes ao problema do bezerro macho leiteiro.
- Analisar conhecimento e atitudes dos produtores na criação de bezerras.
- Descrever os fatores envolvidos na decisão sobre a destinação do bezerro leiteiro.
- Identificar a visão dos produtores em relação à opinião dos consumidores e técnicos sobre o tema.

3 METODOLOGIA

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO DO ESTUDO

O estudo foi realizado nos municípios de Armazém, Braço do Norte, Rio Fortuna, Santa Rosa de Lima e São Martinho, pertencentes a microrregião de Tubarão, na mesorregião Sul Catarinense. Santa Catarina é o quarto maior estado produtor de leite do Brasil e apresentou o maior crescimento produtivo na última década em comparação aos outros estados (EPAGRI/CEPA, 2019). Neste panorama, a mesorregião sul de Santa Catarina contribui com aproximadamente 214,5 milhões de litros de leite produzidos por ano (EPAGRI/CEPA, 2019). A bovinocultura leiteira catarinense é caracterizada pela predominância de pequenas propriedades da agricultura familiar (88,6%), mesmo com a redução deste número registrada nos censos mais recentes (IBGE, 2006). Cabe relatar que, neste estudo, nos baseamos na definição legal de agricultura familiar que consta no Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017 (BRASIL, 2017). Além disso, a produção de leite em sistemas a base de pasto também representa um aspecto característico do estado e da região estudada (HÖTZEL et al., 2014; BALCÃO et al., 2017).

3.2 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os primeiros participantes de cada município foram selecionados pessoal e aleatoriamente. A seleção foi feita dessa forma em razão da dificuldade de contatar os produtores via telefone ou internet. Um critério de inclusão no estudo foi ser produtor de leite a base de pasto. Após as primeiras entrevistas, os entrevistados indicavam outros produtores para participar da pesquisa, pessoas conhecidas ou que moravam nos arredores que também trabalhavam com a produção de leite, caracterizando a técnica de amostragem não-probabilística denominada bola de neve (ROLLER; LAVRAKAS, 2015).

Nesta pesquisa, 58 produtores de leite foram escolhidos e concordaram em participar da entrevista. Entretanto, 4 entrevistas foram descartadas porque estavam relacionadas ao sistema *Compost Barn* (n=3) ou devido a baixa qualidade do áudio da entrevista (n=1). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (07234918.8.0000.0121).

3.3 ESTRUTURA E APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram aplicadas no mês de julho de 2019 e conduzidas pelo mesmo pesquisador para garantir consistência da coleta de informações. Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente e na entrada da propriedade agrícola, evitando qualquer contato com animais e instalações para garantir a biossegurança do estabelecimento rural do entrevistado. Antes de iniciar a entrevista, o produtor recebia o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) para leitura e avaliação. O TCLE continha informações pertinentes a pesquisa, como informações sobre o estudo e a garantia do sigilo e segurança do entrevistado e de suas informações. Com a autorização e assinatura deste documento, a entrevista poderia ser realizada, buscando manter o entrevistado sempre à vontade para expor suas opiniões sem ser interrompido. As entrevistas foram gravadas em áudio e duraram em média 19 minutos, com duração máxima de 35 minutos. Apenas 3 entrevistas duraram menos de 10 minutos. Isto aconteceu por fatores relacionados aos entrevistados (como timidez ou objetividade nas respostas), apesar do constante estímulo e conforto promovidos pelo entrevistador.

A coleta dos dados demandou duas visitas, onde 30 produtores de leite foram entrevistados na primeira visita e 28 produtores na segunda. Após a segunda etapa de entrevistas, percebemos a saturação dos dados, isto é, a repetição e a falta de novas informações coletadas conforme a inclusão de participantes (MINAYO, M. C. S., 2008; MINAYO, M. C. D. S., 2012).

3.4 ROTEIRO DA ENTREVISTA

A entrevista era composta por questões semiestruturadas e abertas, dispostas em um roteiro (APÊNDICE A). A conversa não seguia necessariamente a ordem do roteiro, pois o entrevistador aproveitava alguma fala do entrevistado para introduzir outro tema de interesse (MINAYO, M. C. S., 2008; MINAYO, M. C. D. S., 2012). O roteiro serviu como base para que o entrevistador retomasse os itens faltantes e o entrevistado comentasse todos os temas propostos.

O escopo da entrevista continha os seguintes temas: dados demográficos; atitudes diante do destino do bezerro macho (criação, sacrifício, doação ou venda); percepção sobre o nascimento do bezerro macho; alternativas ao nascimento de machos; manejo dos bezerros e opinião sobre a assistência técnica, consumidores e sobre bem-estar animal. Os participantes foram motivados a comentar sobre cada um destes temas de acordo com sua própria interpretação.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas foram transcritas na íntegra e lidas exhaustivamente para familiaridade com as falas. Após essa etapa, a codificação das transcrições foi realizada pelo autor deste trabalho e transformada em temas para a análise. A análise temática foi feita usando uma abordagem indutiva (reflexiva) (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN et al., 2019). Este método não segue nenhuma estrutura predeterminada de análise, o que permite que o pesquisador tenha flexibilidade para investigar ampla e sistemicamente os temas gerados. O programa Excel[®] foi usado para a tabulação de dados, codificação dos temas e criação de tabelas.

4 RESULTADOS

4.1 CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DOS PRODUTORES DE LEITE

As informações demográficas dos produtores de leite entrevistados estão contidas na Tabela 1. A maioria dos entrevistados era do sexo masculino e/ou possuía mais de 50 anos de idade. O rebanho médio de vacas em lactação era composto por 35 vacas e todas as propriedades produziam leite a base de pasto.

Tabela 1. Dados demográficos dos produtores de leite entrevistados.

Dados demográficos	Variável	Produtores de leite (n=54)	%
Faixa etária			
(Anos)	18-30	8	15
	31-40	6	11
	41-50	9	17
	51-60	20	37
	Acima de 60	11	20
Sexo			
	Masculino	42	78
	Feminino	12	22
Experiência na produção leiteira			
(Anos)	0-10	9	17
	11-20	19	35
	21-30	12	22
	Acima de 30	14	26
Tamanho do rebanho			
(Vacas em lactação)	15-25	22	40
	26-40	17	31
	Acima de 40	16	29

A raça Jersey era predominante na região de estudo. Os motivos apresentados pelos produtores para a escolha da raça Jersey incluíam a rusticidade, adaptação ao terreno, resistência ao clima, composição do leite, tamanho do animal, menos custos com alimentação e tradição ou herança familiar. A rusticidade da raça Jersey foi um fator muito citado pelos

entrevistados [ex: *“Ah é mais resistente a doença, né”* (Produtor 6); *“E ele também é um gado menos cuidadoso, digamos assim, ele se adapta melhor”* (Produtora 26)]. A maior adaptabilidade a terrenos irregulares foi outro fator citado para a escolha da raça Jersey [ex: *“Pra leite num lugar não tão plano, mais morro que nem aqui, Jersey é o que melhor se dá né. Tem muita gente que trabalha com holandês, mas é preso agora, eles tão prendendo, tão fazendo aquele Composto.”* (Produtor 40)]. Além disso, para alguns o manejo da raça Jersey é mais fácil, devido ao tamanho e temperamento destes animais [ex: *“uma vaca que não é muito grande, um bicho mais fácil, mais dócil pra tu lidar”* (Produtor 40)]. O tamanho reduzido do Jersey, em comparação a outras raças de leite, implicava também em menos custos com alimentação [ex: *“também o custo, [pois o Holandês] come mais trato também”* (Produtor 6)]. A composição do leite foi outro fator declarado para a escolha da raça Jersey. O teor de gordura do leite dessa raça era importante para alguns produtores, apesar da menor quantidade de litros de leite produzida por uma vaca Jersey [ex: *“Produz menos leite do que uma raça melhor, mas é um leite mais gordo, né”* (Produtora 26)]. Além disso, praticamente todo o leite produzido na região era destinado à fabricação de produtos derivados do leite. Por isso, o teor de gordura no leite era mais valorizado, [ex: *“Nossos laticínios aqui pagam por gordura, daí o Jersey vale a pena porque eles pagam por gordura”* (Produtor 6)]. Alguns produtores relataram que a sua criação de bovinos Jersey era a perpetuação da atividade que seus pais praticavam [ex: *“Eu já nasci com meu pai criando Jersey. Eu continuei.”* (Produtor 17)].

Nenhum produtor declarou espontaneamente criar a raça Jersey pelas características zootécnicas do macho, como potencial reprodutivo e qualidade da carne. Entretanto, quando questionados sobre a qualidade da carne desta raça, vários entrevistados elogiaram: *“Ela não dá muito rendimento em carne, mas pro consumo é a melhor que tem”* (Produtor 46); *“...é bem mais saborosa, isso aí eu conheço. Eu só como praticamente carne de Jersey. Quando chega churrasco de outro animal, o sabor é diferente. A única diferença é que não dá [o mesmo] rendimento, que o Jersey é bem menos produção de carne que outro animal, mas o sabor é melhor.”* (Produtor 52). Para o produtor 58, *“...a [carne] do Jersey é a melhor carne que tem”*.

4.2 OPINIÃO SOBRE O NASCIMENTO DE BEZERROS MACHOS E FÊMEAS

Para os produtores, o nascimento de fêmeas era “bom” (Produtor 9), “uma alegria” (Produtor 41), porque “uma fêmea a gente sabe que tem futuro né” (Produtor 41). As bezerras eram interessantes para os produtores por favorecerem a reposição ou aumento do rebanho. As

fêmeas também eram preferidas pois podiam ser vendidas com mais facilidade que o bezerro macho [ex: *“novilhinha, se tu anunciar, tem bastante gente que compra”* (Produtor 31)]. Os entrevistados informaram que o valor econômico de uma fêmea era superior ao de um macho [ex: *“Ah eu prefiro que [nasça] fêmea... É um dinheiro, um cheque na mão que eu tenho”* (Produtor 17); *“Quando vê que é uma novilha o cara fica mais contente assim, porque ela que vai ficar”* (Produtor 58)].

Os machos, em contraste, eram considerados um problema a ser eliminado [ex: *“daí tem que matar, né”* (Produtor 6); *“Se é macho da raça Jersey é [necessário] matar, sacrificar, porque não vale o custo”* (Produtor 17); *“É evitar de ter acúmulo de coisa ruim na propriedade, então já sacrifica no primeiro dia”* (Produtor 22)]. Vários produtores expressaram atitudes negativas em relação aos machos da raça Jersey, tanto em relação ao seu nascimento [ex: *“hoje a gente tá ficando com todas que nascem e ainda quer nascer só boi, essa desgraça [risos]”* (Produtor 31)], quanto a sua criação [ex: *“Terneiro boi Jersey é uma desgraça...Um macho tu até tenta criar, mas às vezes ele cisma e quando vê ele anda de ré. Daqui a pouco vai pro pau. Por mais que tu cuide do mesmo jeito...”* (Produtora 40)]. O nascimento de um bezerro macho também provocava sentimentos negativos nos produtores de leite [ex: *“[Sinto] duas tristezas. Porque é macho e porque tem que descartar”* (Produtor 38)]. Além disso, a pouca aptidão para a conversão alimentar e os custos do manejo também desvalorizavam o bezerro macho leiteiro [ex: *“Ah, não vale a pena [criar o macho Jersey]. Hoje tu compra ele maiorzinho, daí tu solta no pasto pra consumo. Porque ele na verdade sai caro ali a ração, é feno, é medicamento, até que ele chegue no ponto pra ti soltar ele no pasto daí. É, porque daí tem essas outras raças que eles vêm bem melhor né, esses mestiço...”* (Produtor e produtora 57)].

4.3 ATITUDES EM RELAÇÃO ÀS ALTERNATIVAS PARA EVITAR O NASCIMENTO DO MACHO LEITEIRO: SÊMEN SEXADO E INSEMINAÇÃO COM RAÇA DE CORTE

Identificamos nas entrevistas duas práticas de manejo usadas pelos produtores como alternativas ao nascimento de bezerros machos no sistema de produção leiteira: o uso de sêmen sexado e a inseminação com raça de aptidão para corte.

Alguns produtores relataram o uso de sêmen sexado para aumentar a probabilidade do nascimento de fêmeas [ex: *“Eu gostaria que fosse tudo fêmea. Mas a gente também insemina uma parte com sêmen sexado, eu também uso pra ter mais fêmea”* (Produtor 22)]. O uso mais frequente de sêmen sexado era em novilhas. O comentário do produtor 5 descreveu essa prática: *“Tem o sêmen sexado. Às vezes eu coloco, em novilha ele geralmente pega melhor... ele baixa*

muito a concentração pra inseminar. Em vaca [multípara] tu perde muito. 60% [de prenhez do sexado], não sei se perde a qualidade no eles separar lá". As opiniões sobre o uso de sêmen sexado foram bastante diversas. Quando solicitamos aos que não usavam o sêmen sexado pelas justificativas, argumentavam ser mais caro que o não sexado (de 2 a 5 vezes mais caro) e a falta de garantia do sexo desejado neste material [ex: "*A gente paga pra vir fêmea né. 80% não é 100 né, 80% ainda tem muita probabilidade de vir macho né.*" (Produtor 1); "*O problema que eu acho é pagar uns 200 reais por um sêmen e depois não fica né*" (Produtor 20)]. A avaliação da relação custo-benefício do sêmen sexado apareceu nas entrevistas como um fator importante na decisão de usá-lo: "*Nós que temos gado PO [PO = puro de origem, significando que todos os ancestrais deste animal estão registrados no livro genealógico da raça], o certo é usar tudo sexado... uma fêmea PO hoje vale o dobro de uma que não é registrada.* (Produtor 22); "*...até compramos 10 doses de sêmen sexado né, mas é muito caro... é mais que o dobro, o sexado... se o cara compra 10, e às vezes nasce um macho...*" (Produtor 6). A eficácia do sêmen sexado também foi questionada: "*Olha, dizem que tem propriedade que funciona e tem outras que não. Diz que é por causa do dia de inseminar, dia da lua e coisa. Tem... ah tem um monte de coisa assim que o pessoal diz*" (Produtor 7). Por último, alguns não usavam sêmen sexado porque usavam touro para cobertura.

A prática de inseminar as vacas Jersey com raças de corte era usada por alguns e discutida como uma alternativa para o problema do bezerro macho na região. De acordo com um entrevistado: "*por isso que a maioria já tá colocando boi de corte, daí não se estressa com isso [isto é, o bezerro macho]*" (Produtor 1). O Produtor 45 disse: "*Insemina corte, engorda e vende. Uns 10 por ano*". As raças de corte citadas pelos entrevistados para o cruzamento com as raças leiteiras eram: Red Angus, Braford, Gir, Devon, Nelore, Charolês, Aberdeen e Brahman [ex: "*aqueles Red Angus, aqueles vermelho... Aqueles ninguém mata né, quem tem aqueles ninguém mata...* (Produtor 57)"; "*Estamos vendendo agora porque é Gir, se fosse Jersey aí eles não querem. Jersey, Holandês, nem de graça pegam*", (Produtora 2); "*O bezerro mestiço todo tem colocação e bastante hoje. Hoje se tu tirou ele da creche com 3 meses, tem comprador. E bastante. Pra engorda... a genética é muito boa essa Red Angus cruzado com Jersey*" (Produtor 22)].

Segundo os entrevistados, os bezerros cruzados, tanto machos quanto fêmeas, eram bem aceitos pelos compradores. De acordo com o Produtor 5, "*Tem muita gente por aqui que tem o gado Jersey assim, mas insemina com gado de corte. Daí pra vender os terneiros, daí*

vende os terneiros tudo, aí o que nascer vai vendendo, fêmea ou macho”, embora pagassem um pouco menos pela fêmea [ex: *“Gado de corte todo mundo quer né, gado de corte a turma quer boizinho né, boizinho vende melhor [que fêmea]. Boizinho é 7 reais o quilo pra vender, a novilha é 6, 5...”* (Produtor 5)]. Além disso, o fato do mestiço ser mestiço com Jersey também desvalorizava o bezerro [ex: *“É um pouco mais barato, mas compra. Só que é mais barato que um Red Angus puro. Um Red Angus com Jersey é um pouquinho mais barato”* (Produtor 20)]. Muitos produtores selecionavam as vacas que apresentavam alguma característica indesejada para a inseminação com sêmen de corte [ex: *“Coloca [sêmen de] corte [...] em vaca que tá repetindo [o cio] ou vaca que a gente sabe que é mais ruim, produção mais baixa. Geralmente é vaca que tá repetindo um pouco. A gente coloca, não importa se é holandesa ou Jersey”* (Produtor 25)].

Os produtores relataram limitações em algumas raças, como problemas de parto nas vacas Jersey [ex: *“Meu marido tentou fazer umas cruzas diferentes, mas não deu certo. Então ficou no Jersey mesmo...começou os terneiros nascer muito grande e acabamos perdendo vaca. A vaca se judia muito na hora do parto – nascia terneiro de 60kg”* (Produtora 40)]. Em nenhuma ocasião foi mencionada a participação da assistência técnica nesse processo, a não ser os que estavam associados à comercialização de sêmen bovino.

4.4 DESTINO DO BEZERRO LEITEIRO MACHO

O nascimento de um bezerro macho leiteiro causava implicações completamente diferentes se comparado ao nascimento de uma fêmea. Enquanto as fêmeas eram bem recebidas pelos produtores e, por isso, seriam criadas, os machos não tinham tantos destinos favoráveis na propriedade. Entre as alternativas para os bezerras machos Jersey recém-nascidos estavam a eliminação ou doação nos primeiros dias de vida, criação para consumo da família ou venda.

Os produtores hesitavam ao serem perguntados sobre como destinavam os bezerras machos de raças leiteiras. Sacrificar o bezerro leiteiro foi uma decisão mencionada por 70% dos produtores entrevistados. Entre estes respondentes, 87% citou o sacrifício do macho recém-nascido como a primeira ou a única opção utilizada. Conforme a maioria dos produtores, a escolha por sacrificar era baseada no aspecto econômico [ex: *“Pois agora, eu não quero trabalhar pra ter prejuízo. Eu não vou me manter. Eu preciso viver né. Então se for pra trabalhar com prejuízo aí não vai, melhor você ficar de braço cruzado. Se eu já vejo que vou ter prejuízo, aí já elimino [o bezerro macho]”* (Produtor 39)].

A hesitação em conversar sobre o assunto era seguida por algumas respostas que continham os termos “descarte” e “eliminar”, seguidas de comentários legitimando o sacrifício do bezerro. Alguns produtores hesitavam em comentar este assunto prontamente ou não expunham suas opiniões com a mesma naturalidade que abordavam os demais temas da entrevista. O termo “matar” era menos utilizado por parte dos entrevistados em um primeiro momento. Por exemplo, diante do questionamento sobre o destino do bezerro macho, o Produtor 35 declarou: *“Ah tem doação, né. Doação, ou outra coisa que não pode falar né [tom de brincadeira, por causa da gravação]”*. Alguns entrevistados demonstravam resignação ao justificar que sacrificavam os bezerros machos recém-nascidos. Para muitos produtores, sacrificar era a única opção viável [ex: *“é a única opção que eu tenho”* (Produtor 17)]. Segundo os entrevistados a prática de sacrificar o bezerro macho existia há bastante tempo na região: *“Porque não é de agora que eles tão matando o terneiro Jersey. Nós é recém aqui, mas na região já tem de anos, de anos”* (Produtor 39). Contudo, o período de ocorrência dessa atividade na região não foi determinado ou estimado nesta pesquisa.

Alguns produtores buscavam outro destino que não envolvesse a morte do bezerro macho. Entretanto, diante do cenário pouco favorável à criação destes animais, os produtores estavam limitados ao sacrifício dos machos recém-nascidos, *“A maioria eu doo. Se os caras não querem mesmo, aí eu sou obrigado eliminar né”* (Produtor 6). Para alguns produtores, matar o bezerro macho, dentro das suas realidades, ainda era a melhor alternativa para evitar prejuízos econômicos e sofrimento animal, principalmente por falta de alimentação, espaço e cuidados adequados [ex: *“Melhor matar ele de pequeno, que as vezes você vai em alguma propriedade que eles tão ali passando fome, tão feinho, raquítico. Isso é maltrato também, né. Então você já mata, melhor que ficar maltratando depois”* (Produtor 39); *“Eu não quero fazer [isto é, sacrificar o bezerro], mas não tem espaço pra tudo, não adianta. É melhor ele morrer ali do que ele tá morrendo daqui a pouco de fome”* (Produtor 11)].

Os principais motivos que desestimulavam a criação dos bezerros machos da raça Jersey, segundo os entrevistados, eram o crescimento lento do animal, a baixa relação custo-benefício da criação, a escassez de recursos para a criação e o desinteresse pela prática. A percepção de que o bezerro macho pouco contribuía como fonte de renda permeava muitos discursos [ex: *“Não vale a pena porque tu não tira o custo dele né”* (Produtor 46); *“Não dá pra criar todos, é muito gasto”* (Produtor 21); *“Olha eu não [criaria]. Mesmo com recurso, pelo serviço que dá, pra dar o leite pra ele e depois a ração e coisa. Assim, no custo, não valeria a*

pena” (Produtor 7); “Se fosse um preço que valia a pena o cara criar pra vender, o cara criava... pra não matar..., mas daí não compensa, tu vai tratar tu tá perdendo. Depois tu vai vender o boizinho, tu não tira o que tu deu de leite e trato” (Produtor 4)]. A falta de recursos disponíveis para qualquer atividade relacionada ao bezerro leiteiro também foi relatada [ex: “... por falta de área. O pessoal aqui tem propriedade pequena, aí todo mundo tá sobrevivendo praticamente da produção de leite, aí se torna difícil” (Produtor 52)].

Argumentos recorrentes estavam relacionados à intensificação e especificação genética direcionada à produtividade em raças leiteiras: *“O Jersey é um gado pra leite, não pra corte” (Produtor 28); “Porque ele não rende pra carne, não rende nada. O Jersey é pra leite. Pra carne hoje tem cinquenta outras raças né. Porque vai levar 2 anos, 2 anos e meio pra dar um boizinho de 200, 300kg, enquanto essas outras raças em 8, 10 meses tu já tem” (Produtor 17).*

Os produtores enfatizavam que o manejo de bezerro é uma atividade exigente que *“não é todo ele que gosta de fazer isso [dar leite pro terneiro]” (Produtor 18)*, ou seja, nem todos os produtores tinham disposição em fazê-lo. Ressaltavam também que os cuidados com os bezerros recém-nascidos demandavam alguns atributos como dedicação, paciência, abnegação, uma vez que *“[para] pegar e dar mamadeira tu tem que ter o tempo, não é todo ele que pega a mamadeira e toma. Tu tem que dar de pouquinho em pouquinho, ele te lambuza tudo” (Produtor 18).*

Um produtor comentou que a decisão de ter iniciado a atividade leiteira foi a limitação de área de pasto e a possibilidade de geração de dinheiro mensalmente, explicando por que criar o macho não fazia sentido para essa comunidade: *“Meu pai começou antigamente a tirar leite e eu me criei tirando leite. Então, a gente como é pequena propriedade, pra ter gado de engorda tem que ter muita terra pra eles ir buscar a campo [pastar]. Então como são propriedades pequenas, a gente plantava o capim, a cana antigamente, o milho e tratava a vaca de leite e começa a gerar dinheiro todo mês. Enquanto que na engorda antigamente se vendia de 2 em 2 anos pra tu fazer dinheiro, agora não, é mensal a venda.” (Produtor 22).*

4.5 O SACRIFÍCIO DO BEZERRO MACHO

Falar sobre os métodos escolhidos para sacrificar o bezerro foi o momento da entrevista que mais causou desconforto para os entrevistados, e um produtor não quis responder a este questionamento. A maioria dos produtores sacrificava o bezerro via traumatismo craniano e, para isso, relataram o uso de marreta, enxada, pedaço de madeira ou pedras para atingir a

cabeça do bezerro com o intuito de provocar sua morte. Poucos produtores disseram usar faca em associação ao traumatismo craniano ou exclusivamente para tal ato.

Nenhum produtor declarou usar mitigação de dor para evitar o sofrimento do bezerro durante o sacrifício. Alguns justificavam que o método praticado por eles era o mais rápido e menos doloroso para o animal [ex: “*É, a gente tem um jeito pra matar eles. Tem um jeito rapidinho assim que ele apaga de vez, né. Ele não chega a sentir dor*” (Produtor 33); “*E como é o procedimento de sacrificar?*” (Entrevistador) *É bem rápido e indolor.*” (Produtor 38)]. Entretanto, identificamos evidências de que esse método nem sempre era executado de forma humanitária.

Houve produtores que mencionaram que sacrificar era uma prática árdua, porque demandava a preparação de uma cova para enterrar o bezerro morto [ex: “[*é ruim sacrificar*] *eu tenho que fazer buraco pra enterrar*” (Produtor 17)]. O mesmo produtor ainda comentou que a opinião de outras pessoas sobre a prática de sacrificar o bezerro poderia influenciar as suas atividades rotineiras futuramente: “*Será que daqui alguns dias eu ainda posso fazer isso? É um me denunciar, de certo eu já tô com problema, né. Hoje o direito dos animais é bem mais que o direito dos humanos, né*” (Produtor 17).

A maioria dos produtores informou que sacrificava o bezerro macho geralmente no seu primeiro dia de vida, para evitar investimentos econômicos no bezerro: “*Eu prefiro fazer já quando nasce né, não deixar, entendesse. Deixar ali tratando não. Saiu pariu, já [sacrifica]*” (Produtor 35). O aspecto psicológico, como sentimentos de afeição ao animal, pareceu também pesar na decisão de sacrificar imediatamente após o nascimento [ex: “*Eu sinto se o cara tratou um tempo e depois morre, é pior. Então, assim, já mata e pronto*” (Produtor 22); “*O negócio é: nasceu, já matar, não começar a tratar. Se tratou, tu já começa a ficar com pena dele. É pior depois. Tem que ser na hora.*” (Produtor 45)]. Mas alguns produtores relataram manter os bezerros por mais de um dia com a intenção de encontrar coletores: “*Geralmente fica uns 2, 3 dias, se não [aparece ninguém, então sacrifica]*” (Produtor 5); “*Nasceu eu ligo pra um cara: ‘Nasceu um terneiro. Querem?’ ‘Não quero...’ Então no outro dia eu elimino... Quando é um terneiro mais bonito às vezes espero mais uns dias. O cara liga pra um, liga pra outro, no fim às vezes fica uma semana aí, aí vem um cara buscar*” (Produtor 6).

O desconforto com o sacrifício do bezerro macho fazia com que geralmente uma pessoa da família fosse responsável por sacrificar os animais recém-nascidos. O responsável pelo sacrifício, além de ser do sexo masculino, costumava ser alguém adulto ou com mais

experiência. Os mais jovens, de maneira geral, evitavam se envolver nessa prática, como mencionado pelo Produtor 6: “*O meu filho [um rapaz de uns 30 anos] não mata, só eu. Ele não quer matar: ‘ah eu não vou matar’ [...]. Eles não querem, nunca mataram. Só eu que vou, vou lá pra baixo... Eu fico sentido, mas fazer o quê? É obrigado*”. As mulheres demonstraram mais repulsa pela prática [ex: “*eu não tenho coragem. É o marido ou o filho, mas eles matam com dó também*” (Produtora 21); “*Ah eu fico com dó, até hoje não matei nenhum*” (Produtora 58)]. Contudo, algumas mulheres alegaram sacrificar os bezerros elas mesmas.

A percepção dos próprios agricultores sobre o ato de sacrificar era negativa. Em algumas ocasiões, os entrevistados citavam a prática como um crime [ex: “*É um crime [sacrificar o bezerro], mas infelizmente tem que fazer né*” (Produtor 39)]. Quando questionados sobre os sentimentos que vivenciavam ao sacrificar o macho, as principais respostas falavam em compaixão, familiaridade com a prática, desgosto e insatisfação. A compaixão era expressa por comentários como “*mato ele e pronto. Mas não é legal não. Dá pena do bichinho*” (Produtor 7) ou “*a gente tem dó*” (Produtor 18). Alguns, por outro lado, demonstravam resignação [ex: “*É [suspiro], o cara não gosta muito de matar né, mas se obriga né*” (Produtor 46); “*Às vezes eu até tento consolar um pouco ele, porque ele não gosta de fazer [o sacrifício. Ele diz:] ‘lá vou eu de novo fazer isso’, mas não tem o que a gente fazer*” (Produtora 38)].

A familiaridade com a prática era um comentário recorrente entre os responsáveis pelo sacrifício; diversas vezes os produtores relatavam que se sentiam mais impactados ao sacrificar os bezerros nas primeiras vezes, mas que, conforme executavam novos sacrifícios, se acostumavam a esta atitude: “*Já tô acostumado*” (Produtor 1); “*Eu já não sinto mais nada, já estou acostumado a matar*” (Produtor 22); “*No início eu não gostava, agora já acostumei*” (Produtor 52). Para o produtor 6, a prática de sacrificar animais era comum ao seu cotidiano desde a infância, isto é, “*A gente tá acostumado, a gente tá desde pequeno. A gente pegou mais aquele lado do tempo de pequeno que matava passarinho, era bicho, era tudo. A gente acostumava né. E hoje as pessoas já não matam mais tão fácil né*”.

Alguns produtores explicaram que não sacrificavam o bezerro na frente da vaca. Para eles, a vaca possui emoções e presenciar a morte de seu filhote não seria algo positivo para o animal. Alguns inclusive descreviam isso com certo grau de antropomorfismo: “*Eu não mato [na frente da vaca]. Muitos matam na frente da vaca. Não pode. Muitos dizem ‘ah a vaca não sabe, não sente’. Hm, não sente [tom de ironia]. No outro ano vai inseminar [e não fica prenha] ... Porque ela sabe [que o bezerro foi morto]! Vai ficar de aumento [prenhe] pra que? Pra depois matar o filho? Ela guarda, a vaca sente o sentimento*” (Produtor 6).

4.6 DOAÇÃO OU VENDA DO BEZERRO MACHO

A doação do bezerro macho recém-nascido era uma prática bastante difundida entre os produtores entrevistados, muito citada como um recurso usado por produtores que não queriam ou não podiam vender ou sacrificar os bezerros. De acordo com os entrevistados, os bezerros machos eram doados para pessoas interessadas ou oferecidos para a sua rede de contatos. Os produtores ofereciam seus animais para vizinhos, amigos e até em mídias sociais, como em grupos das plataformas de comunicação Whatsapp e Facebook. Alguns produtores somente optavam por doar mediante a demanda pelo bezerro recém-nascido; nesse caso os animais eram doados para pessoas que pediam diretamente ao produtor ou para algum contato. Apenas 12% dos entrevistados declararam que a doação era o único destino dado ao bezerro macho recém-nascido. Alguns produtores doavam os bezerros machos porque havia interessados em recebê-los, mas apontavam que, caso não encontrassem mais donatários, optariam por sacrificar [ex: *“Sempre deu certo que a gente conseguiu doar. Mas se não conseguir doar alguma hora, de certo vai ter que matar né”* (Produtor 1)].

Entretanto, alguns fatores eram percebidos como limitantes para a doação do bezerro macho a outras pessoas. Para alguns produtores, o custo de manutenção do bezerro na propriedade até o momento da coleta foi considerado uma barreira para a doação: *“...pelo menos o valor do leite eu cobro. Se vem um [pedir] aqui, “arruma uns terneiros pra mim”, eu vejo: nasceu tal dia, vai dar uns 6 reais mais ou menos de leite hoje cada um por dia, paga o leite dos dias que ele nasceu”* (Produtor 5); *“...mas daqui a pouco vai ter que tratar uma semana ou mais até que eles vão passar pra recolher”* (Produtor 57). Outros produtores informaram não doar o bezerro em razão da carência de interessados em levar estes animais para criar. Outros relataram que doavam o bezerro macho há algum tempo atrás, *“mas hoje ninguém mais quer”* (Produtor 18), *“nem de graça eles querem”* (Produtor 47). Problemas sanitários também foram citados como uma barreira para a doação: *“Hoje tem que cuidar muito com essas doenças que tem, não pode misturar muito o gado. Se botar um gado aqui tem que fazer exame e [se] passar doença pro teu gado, sacrifica tudo”* (Produtor 5). Além da dificuldade para conseguir coletores, outro obstáculo para a doação de bezerros citado por alguns foi o sistema de rastreabilidade animal vigente no estado. A classificação oficial no Brasil é o Sistema Brasileiro de Identificação Individual de Bovinos e Búfalos (SISBOV) e sua adesão é voluntária (MAPA, 2002). Entretanto, em Santa Catarina esse registro é obrigatório, uma vez que o Estado é

reconhecido internacionalmente como zona livre de febre aftosa sem vacinação. Diante desse contexto, doar o bezerro macho recém-nascido era também considerado *“perigoso porque eles vão sem brinco e hoje tem que ter o brinco, o nome da mãe. Então, é mais difícil doar. Tá ficando tudo mais complicado”* (Produtora 21).

Quando perguntados se sabiam como iriam ser criados os terneiros doados, mais da metade dos entrevistados declarou não saber ou não ter certeza [ex: *“Eles falam que vão criar mamando na vaca, mas vai saber se é mesmo”* (Produtor 4)]; um produtor demonstrou não se interessar pelo destino do bezerro doado [ex: *“não sei... Azar o deles”* (Produtor 1)]. Alguns falaram que os bezerros eram enxertados em vacas-ama [ex: *“Tem muitos que levam e bota numa vaca descarte, vaca menor que eles têm lá só pra criar terneiro. Eles vão lá e bota 3, 4 numa vaca. [Entrevistador: E você acha que estes bezerros passam fome?] Não. O terneiro mama pouquinho e chega, ele não precisa mamar...”* (Produtor 6)].

Para estimular os produtores a discutirem alternativas à eliminação do bezerro ao nascimento, apresentamos um cenário hipotético de recolhimento constante de bezerros machos recém-nascidos. Estabelecemos que, neste cenário, o serviço de coleta e redirecionamento de bezerros na propriedade seria fixo, gratuito e regularizado por órgãos governamentais. Somente alguns produtores não se interessaram pela opção do recolhimento, alegando investir e valorizar a genética do seu rebanho. Por isso, o ato de doar, sem obter nenhuma remuneração, não seria viável para estes produtores, visto que outros produtores poderiam se beneficiar do valor agregado aos animais. Já a maioria dos produtores declarou que o recolhimento de machos recém-nascidos consistiria em uma boa alternativa aos desafios enfrentados perante o bezerro indesejado. Os produtores argumentaram que este serviço seria melhor *“porque não precisaria matar e enterrar”* (Produtor 39), melhor *“do que abater ele [bezerro]”* (Produtor 46) ou *“um crime [cometido] a menos”* (Produtor 39). O produtor 39 relatou que o serviço de coleta dos bezerros machos seria *“melhor ainda se eles comprassem né. [Se] pagassem alguma coisinha, mas de graça já estamos no lucro”*. Algumas falas abordaram benefícios variados a respeito da coleta de bezerros: *“Seria bom [o recolhimento de bezerros]. Porque tudo isso é imprevisível. Tem época que tem gente que aceita, pega os terneiros. Daqui a pouco ninguém mais quer.”* (Produtora 26) ou *“se tem alguém que cria, é um lucro que vai dar pra essa pessoa, ela vai criar”* (Produtora 47)

Alguns produtores demonstraram que não se importariam com os investimentos em alimentação, tempo, mão-de-obra na criação dos bezerros recém-nascidos até que o serviço de coleta levasse os animais. Na opinião do produtor 46, *“uma semana dá de aguentar. Que tu*

tratar uns dias a mais também não ia fazer tanta diferença”. Em geral os produtores relataram que 2 a 7 dias seria um período aceitável para criar o bezerro macho a ser coletado. O período de 3 dias, com os devidos cuidados, foi o mais comum informado pelos entrevistados, principalmente por ser o tempo no qual não se recomenda a entrega do leite. Os produtores transmitiram em algumas falas que esta busca do bezerro doado deve ser a mais rápida possível, para evitar custos para o doador, como o fornecimento de leite para estes bezerros.

A impossibilidade de vender o colostro e o leite dos primeiros dias pós-parto para o laticínio foi o motivo mais comentado pelos produtores [ex: *“Ah, uma semana dá pra ser [isto é, criar sem prejuízo]. Porque aquele leite você não usa, você vai descartar, então até uma semana pode tratar”* (Produtora 26)]. Alguns produtores declararam explicitamente que a coleta não poderia extrapolar os dias previstos para recolhimento do bezerro macho. O pretexto deste argumento era que os custos com manejo e fornecimento de leite aumentariam diariamente. Neste caso, não compensaria mais a doação do animal devido ao investimento realizado, como declarado pelo Produtor 20: *“É, daí se for pra ficar mais tempo é pesado. Daí é melhor deixar aí então”*.

Durante as entrevistas, alguns produtores comentaram que existiu, por um período, a iniciativa de coleta de bezerros machos por parte de terceiros [ex: *“Tinha um que vinha de São Bonifácio, nós entregamos uma vez pra ele”* (Produtor 26); *“Uma época teve gente que buscava pra tratar pra fazer vitelo e tal, mas acho que não deu certo”* (Produtor 22)]. O insucesso do projeto de recolhimento foi usado para reafirmar a percepção da inviabilidade econômica de criar o bezerro leiteiro. O Produtor 39 cita que coletores não contabilizavam os custos da prática: *“Eles compravam esses terneiros e criavam lá e não faziam conta. Aí onde que ele conseguia vender”*.

4.7 TRANSPORTE DOS BEZERROS DOADOS OU VENDIDOS

Segundo os relatos dos entrevistados, o transporte dos bezerros doados ou vendidos era responsabilidade do interessado pelo animal e o meio de transporte dos bezerros variava conforme o critério do transportador. Os entrevistados relataram que os bezerros eram levados em pequenos caminhões, “carretinhas”, picapes, carros, motos, táxi e “carrinho-de-mão”, em carro e motos [ex: *“Ah, [transportam] em cima de uma Saveiro, de um trator, no bagageiro... aqui ainda de moto não vieram”* (Produtor 58)]. Na região o número de bezerros doados por vez geralmente não excedia o espaço que caberia dentro de um automóvel. Assim, para evitar

que o animal se movimentasse durante o transporte, alguns transportadores colocavam o bezerro macho dentro de um saco, deixando apenas a parte da cabeça do animal para fora. Nenhum produtor demonstrou espanto ou discordância com os métodos citados. O relato do produtor 5 exemplifica esta informação: “*Pega um saco grande, deixa só a cabecinha [do animal] de fora, dá um nózinho no saco e vai embora. Já vi 3, 4 [bezerros] dentro de um carro assim e vai embora. [São colocados] atrás do banco, na frente dos pés... Até de taxi já foi terneiro aqui. [risos]*” (2; Produtor 5); “*Quando é maior, às vezes vem de caminhonete, senão é dentro do carro, bota num saco, amarra em cima, deixa a cabeça de fora e vai. E leva escondido, porque se o fiscal da estrada pega, já param*” (1; Produtor 5)

4.8 CRIAÇÃO DOS BEZERROS NA PROPRIEDADE

Sobre a criação de bezerros machos, identificamos os seguintes cenários: alguns produtores criavam alguns poucos para consumo; alguns criavam para venda da carne, tanto bezerros da raça Jersey como mestiços com raças de corte; alguns criavam o bezerro para uso como reprodutor. A criação de raças de dupla aptidão, como alternativa ao problema, não foi mencionada por nenhum dos entrevistados.

Nesta pesquisa houve dificuldade em localizar produtores de leite que criavam o bezerro leiteiro macho Jersey. Os entrevistados raramente conheciam alguém que criava o bezerro macho leiteiro, além daqueles destinados ao consumo próprio [ex: “*É difícil. Hoje já tem bastantinho criando um gado [mestiço] pra corte, mas Jersey não, eles criam outras raças*” (Produtor 46)]. Aqueles que criavam os machos para consumo próprio mantinham entre um e três bezerros e explicavam que tinham poucos machos nascidos [ex: “*O nosso rebanho é pequeno, mas pensa quem tem 50, 60*” (Produtora 26)]. Contudo, alguns alegavam que os mantinham porque não gostavam de matá-los, como é o caso do Produtor 20: “*Ah, eu fico com pena de matar o terneirinho*”. Os machos geralmente eram criados até aproximadamente 12 meses, embora alguns os vendiam antes. Alguns (mas não todos) eram castrados nesse período, e sempre sem anestesia. Poucos produtores citaram manter 1 ou 2 bezerros para utilizar como touro reprodutor [ex: “*agora deixamos um puro aí, até mandamos registrar. Porque às vezes tem vaca que não quer ficar [prenhe através] de inseminação. Daí é bom pra repasse né, que a gente gasta menos sêmen, mas incomoda, o cara não sabe a produção que ela vai dar*” (Produtor 6)].

Os produtores da propriedade 25 explicaram por que criavam os machinhos: *(ela) Porque a gente já criava pra consumo né, mas daí que nem diz o pai “se tu trata um, tu trata*

dois né”, aí foi criando. Que nem tem remessa que quase não dá, mas tem remessa que dá bastante, daí o pai gosta de engordar, daí ele quer engordar tudo. Na verdade, a gente começou pra consumo. Começou com um... dois... ah vamos. E foi indo, foi indo, quando a gente viu a gente tava com 10, 12. E o pessoal compra. É um pouco mais barato, mas compra. Só que é mais barato que um Red Angus puro. Um Red com Jersey é um pouquinho mais barato.”

Alguns produtores comentaram sobre as vantagens da produção de bezerros Jersey mestiços com raças de corte: *“Hoje já tem bastantinho criando um gado [mestiço] pra corte, mas Jersey não, eles criam outras raças”* (Produtor 46); *“tem muita gente por aqui que tem o gado Jersey assim mas insemina com gado de corte, pra vender os terneiros. Daí vende os terneiros tudo, aí o que nascer vai vendendo, fêmea ou macho... aí quando ele quer trocar umas vacas [no rebanho leiteiro], ele compra novilha”* (Produtor 5); *“O bezerro mestiço todo tem colocação e bastante hoje. Hoje se tu tirou ele da creche com 3 meses, tem comprador. E bastante. Pra engorda. Que a genética é muito boa essa Red Angus cruzado com Jersey”* (Produtor 22).

A maioria dos entrevistados assegurou que os machos eram criados da mesma forma que as bezerras [ex: *“tudo do mesmo jeito. É cuidado do mesmo jeito que uma bezerrinha”* (Produtora 41)]. Apenas um produtor afirmou dar menos leite para o bezerro macho, sendo que os machos recebiam 3 litros por dia, enquanto as fêmeas recebiam 4 litros.

4.9 FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE SOLUÇÕES PARA OS MACHOS NA PROPRIEDADE LEITEIRA

4.9.1 Relação com os técnicos

Os entrevistados relataram haver disponibilidade de assistência técnica na região [ex: *“Eles sempre acompanham, tem veterinário que tá direto aí, ajudando nesse negócio de nutrição. Eles passam direto. Se eu quiser chamar cinco veterinários, eu acho cinco pra vir aqui agora”* (Produtor 5); *“...a gente tem o veterinário que atende, vem o nutricionista da empresa que a gente compra núcleo, formula a ração né, fala como fazer e tal. O próprio cara que vende sêmen é um cara que entende muito, ele vem aqui dar umas dicas”* (Produtor 2)]. Mas na opinião dos entrevistados, os técnicos não se interessavam pelo assunto da destinação do bezerro macho ou recomendavam práticas inviáveis.

O envolvimento dos técnicos com o problema do bezerro macho era muito variável. Para a maioria dos produtores, os técnicos não tinham uma recomendação adequada. Respondendo se já tinham perguntado alguma vez para os técnicos ou veterinários o que eles poderiam fazer pra não ter que sacrificar o bezerro, na propriedade 26 o casal foi unânime: *“Eles não têm resposta também”* (homem) e *“Eles também não tem uma solução, né. Tudo envolve primeiro o dinheiro, né. E daí botar aonde também?”* (mulher). Entretanto, segundo alguns produtores, os técnicos recomendavam criar [ex: *“A sugestão [dos técnicos] é criar, não tem outra saída né”* (Produtor 58)], enquanto outros recomendavam sacrificar [ex: *“A solução deles é isso ali mesmo [isto é, sacrificar.] Eles vão mandar fazer isso ali mesmo”* (Produtora 41)].

Alguns reconheceram que não consultavam a assistência técnica sobre o bezerro macho leiteiro por falta de interesse [ex: *“Sabe que não?! Não tenho interesse também”* (Produtora 40); *“Não, nunca pergunto [aos técnicos]”* (Produtor 46)]. Outro motivo é a falta de confiança nas recomendações técnicas [ex: *“Hoje os agrônomos falam muito, até o filho é agrônomo né. Eu sempre digo: “falar é fácil, agora prática, é muito difícil. Fazer na prática o que vocês aprendem no estudo né”. Ali na sala de aula é uma coisa, tu vê. Bota dia a dia... é complicado”* (Produtor 6)].

4.9.2 Relação com outros produtores da região

Os produtores entrevistados também relataram que o bezerro macho não era um assunto recorrente nas conversas entre eles. A ocupação com a intensa rotina rural foi declarada como um motivo para a pouca abordagem do tema em conversas com outros produtores, isto é, *“porque não sobra muito tempo né, tanta coisa pra fazer”* (Produtor 40). No entanto, o tema ocasionalmente surgia nas conversas, visto ser parte do cotidiano da produção de leite: *“Aqui trabalha tudo com leite né, aí onde a gente sai a gente conversa sobre isso.”* (Produtor 46). Mesmo assim, os produtores afirmaram que não discutiam especificamente sobre as dificuldades relacionadas ao macho recém-nascido [ex: *“A gente não conversa muito disso [isto é, o bezerro macho]”* (Produtora 21)]. Alguns mencionaram que as conversas, quando existentes, se limitavam à busca de coletores, como citado pelo Produtor 35: *“Ah a gente conversa só pra ver às vezes quem que vai pegar e quem que não vai pegar. Isso a gente conversa”*. Os entrevistados apresentaram um senso comum de que as práticas adotadas pelos produtores de leite eram semelhantes e que estas consistiam, principalmente, na eliminação do bezerro macho recém-nascido diante do cenário pouco rentável [ex: *“Todo mundo é igual, não*

tem o que fazer. Não compensa criar um terneiro macho.” (Produtora 26) ou ainda *“quase todo mundo mata”* (Produtor 4)].

4.10 OPINIÃO DOS PRODUTORES SOBRE OS CONSUMIDORES

A maioria dos produtores acreditava que os consumidores de leite não se importavam que muitos bezerros machos são mortos ao nascer nas propriedades leiteiras. Muitos desses produtores alegavam o desconhecimento do consumidor em relação às atividades rurais, especialmente a criação animal, *“porque ninguém cria um terneiro né. Isso só quem trata e cuida sabe como é que é né”* (Produtor 18). O comentário do Produtor 22 elucidou esse julgamento: *“Tem muito consumidor que acha que o leite vem da caixinha. Essa é a primeira resposta que eu te digo: que ninguém sabe de onde vem o leite. E nem sabe como se trabalha pra tirar leite. Eles acham que o leite é uma coisa cara, e é a coisa mais barata que existe no mercado. Que a gente trabalha de sol a sol, de sábado a sábado, natal e ano novo, nunca ninguém deu valor ainda pra esse alimento. Muito menos eles pensar em bem-estar animal né [riso]”*. Além disso, alguns destes produtores mencionaram que os consumidores não se importavam com as mortes de bezerros pelo fato de que consumir o leite era mais importante para eles [ex: *“Acho que não [se importam], né. Eles só querem o leite”* (Produtora 21)].

Diante desse cenário, perguntamos aos produtores o que os consumidores achariam se soubessem das práticas realizadas com os bezerros machos de raças leiteiras nas fazendas. Os entrevistados, em sua maioria, respondiam que os consumidores não aprovariam [ex: *“Ah não iam querer que matava né [...] porque ninguém quer que mata nada né”* (Produtor 46)]. A compaixão também foi um sentimento ligado aos consumidores diante da morte de bezerros no meio rural, de acordo com o relato dos entrevistados [ex: *“acho que eles iam dizer: tadinho.”* (Produtor 47)]. Quando questionado a respeito da opinião do público sobre a morte do bezerro leiteiro, o Produtor 35 expressou detalhadamente a situação que envolve o diálogo com os consumidores [ex: *“[Os consumidores] seriam os primeiros a [querer] não matar. Porque eles não tão aqui na lida com nós. Entendeu? Eu tenho sobrinhos na cidade. Quando eles vêm aqui, eu digo que vou matar aquele tal e tal... “ah, mas por que que o tio vai fazer isso?” e eu disse: “porque isso não é viável”. [Os sobrinhos perguntaram:]“Como não?!”. Eu disse assim: “tá, mas vocês lá na cidade, se vocês começam a fazer uma coisa e dá prejuízo pra vocês, vocês vão continuar?” “Não”. Então aqui é a mesma coisa. Vai dar prejuízo”*. Alguns mostravam frustração em relação ao tema: *“Aí eles criticam a gente por ter que matar esse bichinho. Minha*

sobrinha mesmo disse que eu sou uma assassina, mas eu vou fazer o que? Ninguém quer o bichinho! Eu quero dar embora, só que ninguém quer. Ninguém quer pegar o bichinho. Eu tô dando, doando, mas ninguém quer, ninguém vem buscar (Produtora 33)”.

Um produtor declarou que, ao serem questionados por pessoas do ambiente urbano sobre o sacrifício do bezerro macho recém-nascido, eventualmente retorquia, *“Você quer? Eu dou de graça pra você... pode pegar”* (Produtor 39) ou ainda *“Você vai deixar de comer carne se souber que mataram o boi? Isso depende do modo de interpretar né. Vai da interpretação de cada um”* (Produtor 39). Alguns produtores declararam que o ato de sacrificar os animais recém-nascidos não deveria ser avaliado negativamente pelo público consumidor, uma vez que para o consumo de carne os bovinos também seriam mortos, mas em uma fase da vida mais avançada [ex: *“Eu acho que tem gente que pode interpretar que a gente tá fazendo errado com matar um bezerro né. Mas o boi, o pequeno ou grande, a gente vai matar. Né.”* (Produtor 39)].

Na opinião de alguns produtores, o bem-estar de animais zootécnicos era negligenciado pela população urbana em comparação com animais de companhia. Produtores também relataram que as pessoas da cidade valorizavam ou se preocupavam bastante com animais como cães e gatos, mais ainda do que com a vida de seres humanos [ex: *“Deus do céu, eles dão a vida por um cachorro. Quanta criança que não tem nem o leite pra comer e daí não olham”* (Produtora 40)]. Entretanto, alguns produtores responderam que os consumidores se importam genuinamente com a morte ao nascer de bezerros machos de raças leiteiras, e em geral esta alegação era seguida de justificativas para a atitude de sacrificar o bezerro: *“Eles se importam. Eu já falei com várias pessoas... tipo, falam “pra que fazer isso? Tu queria morrer quando nascesse?”. Eu sou humano, eles são animal. Deu. É a resposta que eu dou. É o que eu falei, humano em primeiro lugar, depois os animais, era pra ser”* (Produtor 1); *“Eu não quero trabalhar pra ter prejuízo. Eu preciso viver né”* (Produtor 39) .

Alguns produtores reconheceram as mudanças no envolvimento do público com temas de bem-estar animal, mostrando certa preocupação: *“Tem a proteção já dos animais, mas não tem tanta, mas a hora que começar... os grupos vão aumentando, né... aquele desejo, aquela coisa. A hora que começar mais a proteção assim, se começar, alguém se informa e vão começar”* (Produtor 26); *“Porque se [o público] souber eu acho que eles fazem uma revolta, né”* (Produtora 40).

4.11 PERCEPÇÃO DOS PRODUTORES SOBRE BEM-ESTAR

Ao falar sobre bem-estar animal, a descrição mencionada pela maioria dos entrevistados incluía a disponibilidade de alimentação, água, conforto térmico e boas instalações [ex: *“Bem-estar... ele estar bem instalado, num lugar bom [para um bezerro], um lugar seco, um lugar que está sempre limpo, com água e comida à vontade”* (Produtor 47); *“Um bezerro que ele tem a mordomia, digamos assim. Ah, assim, ele ter água e sombra, sombra e água fresca como se diz né, ração de qualidade, um lugar adequado pra dormir”* (Produtor 59)]. Nenhum entrevistado mencionou características como estar livre de dor. Na opinião dos entrevistados, o tratamento fornecido por eles aos animais permitia condições adequadas de bem-estar aos bezerros e animais do rebanho. Para elucidar o conceito de bem-estar animal, alguns produtores faziam a comparação com condições boas para os humanos, alegando que os animais gostariam da *“mesma mordomia que um humano gosta: comida, sombra e água fresca”* (Produtor 17). Um produtor declarou ter contato com o termo bem-estar animal *“só na televisão”* (Produtor 47). Alguns produtores desconheciam ou não souberam dizer o que era bem-estar animal.

A visão de bem-estar adequado pareceu ser mais influenciada pelo nível de subjetividade do produtor do que pelas condições reais de bem-estar dos animais. O Produtor 4 expressou essa situação: *“Se as vacas falassem, nós perguntava, mas elas não falam. Nós temos que achar que tá bom né. Tratamos bem, tem água direto, tão no capim direto. Acho que elas tão bem, porque não passam sede, não passam fome”*. O Produtor 26 complementa: *“Não é que [os outros produtores] não se preocupam, é o jeito de lidar e de cuidar. Eles acham que estão cuidando certo. Tem uns amigos nossos que tem um sistema tão feio de criar bezerro assim. [...] Então tudo é assim, né. Cada um é cada um. E também no cuidar dos bezerros né, tem gente que deixa preso, tem gente que bota amarrado num pasto e fica ali. É assim, cada um tem um jeito, aprendeu assim e não muda”*.

Alguns entrevistados transpareciam em seu discurso um grau de aversão ao tema bem-estar animal, alegando que este era mais valorizado que o bem-estar dos seres humanos que trabalhavam diretamente com os bovinos, por exemplo: *“[Bem-estar de bezerros significa] uma caminha melhor do que a nossa. Botar cepilho pra eles deitar, não estressar eles... Mas a gente pode se estressar, eles não. É isso aí é bem-estar. Tu vê uma vaca ali que é coiceira, às vezes [te] dá um coice e o cara ainda tem que alisar a “querida”*: *“ai querida me dá mais um coice!”*

[Risos] *Tem hora que o cara também se estressa... tu tá lá no serviço, o cara não se estressa?!*” (Produtor 4).

Na opinião de alguns produtores, é importante se preocupar com o bem-estar animal, pois *“quem trabalha com bezerro tem que ter esse pouquinho de cuidado”* (Produtor 17). Uma das razões é que o bem-estar estava associado à sanidade dos animais [ex: *“Olha, primeiramente pra não se importar [com bem-estar animal] o cara tem que ser louco, porque se eles não tiver no bem-estar, vai trazer as doenças, [o animal] fica doente.”* (Produtor 1)]. Outro motivo é a relação entre bem-estar e produção, *“porque o bem-estar reflete no teu animal depois. Se tu não cuidar bem dele, não der todo o conforto, ele também não vai te produzir depois né. Vai ser um animal estressado, arisco, agressivo, tudo isso aí tá...”* (Produtor 22). Entretanto, o mesmo Produtor 1 explicou que a intensa rotina de uma propriedade agrícola pode fazer com que o bem-estar animal se torne algo secundário: *“acho que eles se importam, talvez algumas vezes não... por causa do acúmulo de serviço, é muito serviço. É corre aqui, é correria todo dia. Daqui a pouco tem que limpar ali o lugar deles a cada 2 dias, mas tu tá tão atucanado: “ah hoje é dia de silagem, amanhã também, depois de amanhã também”. [Então] aquele [serviço] fica pra trás, daí traz doenças e tudo. Mas a maioria se preocupa, claro né, porque se eles estiverem bem, eles não vão trazer doenças, mas... é a correria do dia a dia que talvez deixa um pouco pra trás algumas coisas assim”* (Produtor 1).

Além disso, segundo um produtor entrevistado, traços relacionados com a personalidade e temperamento humano pareceram influenciar o tratamento dos bezerros: *“Tem alguns que se preocupam [com o bem-estar animal], tem alguns que não. Acho que pelo próprio ser humano, tem alguns que são mais sensíveis, se preocupam mais, outros que não tão nem aí pra coisa”* (Produtor 52). De acordo com o produtor 47, apenas os produtores *“caprichosos [isto é, dedicados]”* se preocupavam com bem-estar animal. Por outro lado, alguns eram descuidados com o bem-estar dos animais criados por eles.

5 DISCUSSÃO

O bezerro macho leiteiro ainda é considerado um problema na bovinocultura de leite e as atitudes dos produtores de leite pouco indicam mudanças do *status quo*. Percebemos os impactos negativos causados pelo nascimento de bezerros machos tanto para o próprio animal (em razão do método de sacrifício e transporte) quanto para o ser humano (causado pela aversão e culpa por sacrificar). Um dos objetivos dessa pesquisa foi investigar as motivações dos produtores que criam o bezerro macho leiteiro. Contudo, foi rara a ocorrência de produtores dispostos a criar o macho de raça leiteira pura. Os próprios entrevistados, de diferentes municípios e localidades, raramente souberam informar sobre a existência de criadores de bezerros Jersey. Por outro lado, a prática de sacrificar o bezerro macho de raça com aptidão leiteira era um recurso bastante utilizado por produtores de leite na região estudada. Este ato reflete um padrão mundial da atividade leiteira, na qual o bezerro macho é considerado um excedente do sistema de produção e, por isso, pode ser descartado (HASKELL, 2020). Baseado nos relatos, o senso comum dos produtores de leite era que o bezerro macho é um problema econômico sem solução eficaz. As alternativas disponíveis para evitar o nascimento de bezerros leiteiros, como sêmen sexado e inseminação com raça de corte, não eram percebidas como atrativas pelos produtores, o que pode explicar a baixa adoção destas práticas. O insucesso dessas alternativas consolidou o sacrifício do bezerro recém-nascido como um recurso viável e normal, visto que solucionava o problema dos produtores de forma rápida e sem custos.

5.1 O SACRIFÍCIO DO BEZERRO MACHO E SUAS IMPLICAÇÕES

A proporção de produtores que sacrificavam o bezerro leiteiro logo após o nascimento é entre as maiores reportadas na literatura (HÖTZEL et al., 2014; FRUSCALSO; ANTILLÓN; HÖTZEL, 2017). A predominância da raça Jersey nos rebanhos deste estudo pode explicar o alto percentual de bezerros abatidos, uma vez que machos Jersey costumam ser mais desvalorizados, sob o pretexto de menor conversão alimentar em comparação à outras raças de leite, como a Holandês (CARDOSO, C. S.; ULLER-GÓMEZ; HÖTZEL, 2017;

MARQUETTE, 2018). Mesmo com a influência da raça Jersey, este resultado expressa que o bezerro macho é considerado um excedente e um problema no sistema de produção leiteira.

O método de sacrifício de bezerros recém-nascidos a campo via concussão (traumatismo craniano) também foi relatado como uma prática comum em outros locais, como no Canadá (RENAUD et al., 2017). Outros estudos no sul do Brasil mostraram que esta era a atitude de 35% dos produtores no oeste de Santa Catarina (HÖTZEL et al., 2014) e de 23% dos produtores do Rio Grande do Sul (FRUSCALSO; ANTILLÓN; HÖTZEL, 2017). O sacrifício através de concussão apresentou alguns entraves que impediam a certeza de sua eficácia, como o instrumento utilizado, o método executado e também o fator humano (habilidade, fadiga, estresse).

Sacrificar animais excedentes não necessariamente configura um problema de bem-estar animal, desde que realizado de forma humanitária (NIELSEN et al., 2019; BALZANI; AMARAL; HANLON, 2021). No entanto, as características anatômicas dos bezerros dificultam a destruição instantânea do tecido cerebral, ao mesmo tempo em que há complexidade de realizar o sacrifício de forma consistente, motivo pelo qual esse método não é recomendado (AVMA, 2013). Os indícios de que o sacrifício do bezerro macho nem sempre é feito de forma humanitária reforçam os problemas que existem do método de concussão a campo, principalmente em relação ao bem-estar animal. O sacrifício mal realizado, além de ser eticamente inaceitável por prejudicar a vida do animal, pode macular a imagem do sistema de produção (e principalmente dos produtores) perante o público. Entretanto, percebemos a existência de um tabu sobre os métodos e situações adequadas para o sacrifício. O treinamento de pessoas para a realização do sacrifício com métodos humanitários pode contribuir para a garantia de que o bem-estar dos bezerros não seja prejudicado (FVE, 2017). Portanto, sugerimos a capacitação dos produtores para o sacrifício humanitário, incluindo o uso de sedativos. Outra alternativa seria aquisição e o uso individual ou coletivamente de um equipamento adequado, como pistola de atordoamento para realizar o sacrifício do bezerro leiteiro de forma humanitária.

Diante do nascimento de um bezerro macho de raça leiteira, os participantes deste estudo encaravam um dilema entre sacrificar o bezerro leiteiro, embora não o quisessem, ou criá-lo apesar da escassez de mão-de-obra e provável prejuízo. Este conflito ético gerava insatisfação com a atividade, apoiada no julgamento de si mesmo (culpa por sacrificar) e dos outros (como os outros reagiriam ao saber dessa prática). O sacrifício do bezerro macho recém-nascido era mais impulsionado pela percepção de necessidade do que pela vontade. A prática

de sacrificar o bezerro leiteiro muitas vezes era interpretada como um crime cometido, o que causava um forte sentimento de culpa. A mesma concepção também foi relatada em produtores de leite na região oeste de Santa Catarina (CARDOSO, 2011). Por considerarem um crime e mesmo assim cometê-lo frequentemente, os produtores de leite demonstraram dissonância cognitiva. A dissonância cognitiva é um desconforto mental que ocorre quando há incoerência entre o que se acredita e o que é praticado (FESTINGER, 1962). Esta reação já foi descrita em produtores de leite em relação a claudicação de vacas (OLMOS et al., 2018) e sobre a descorna (CARDOSO, C. S.; ULLER-GÓMEZ; HÖTZEL, 2017). Além disso, a culpa era agravada quando pessoas fora do meio rural acusavam diretamente o produtor rural de “assassino”, como relatado pelos entrevistados. A própria linguagem utilizada para descrever o sacrifício dos bezerros recém-nascidos reforçava o desconforto que a prática causava nos produtores. Esta atitude pode ser uma maneira de distanciamento emocional para os produtores e, ao mesmo tempo, um recurso para amenizar o julgamento do entrevistador e de outras pessoas. Matar é uma palavra com um forte apelo emocional nas pessoas e o uso de termos menos apelativos ajuda a desvincular o ato do valor atribuído aos animais. Um paralelo pode ser traçado com os termos *pork* e *steak* na língua inglesa, onde a carne é rotulada com termos que desassocia a impressão do consumo de porcos (*pigs*) e vacas (*cows*), respectivamente (HAMILTON; MCCABE, 2016).

A raridade com a qual o tema sobre o bezerro surgia nas discussões entre os produtores de leite neste estudo, alerta para o tabu que existe sobre sacrificar o bezerro macho recém-nascido. O desconforto dessa prática existe mesmo em conversas entre produtores da mesma localidade. Percebemos a forte resignação dos produtores nos relatos dessas discussões e a falta de perspectiva de mudanças. Além disso, o senso de que todos possuem as mesmas atitudes perante o bezerro macho reforça o *status quo* do problema, dificultando a busca por soluções. O “envelhecimento” do campo pode ser outro fator que desmotive o maior interesse pelas discussões sobre o bezerro macho, principalmente pela falta de perspectiva de sucessão aliada ao êxodo rural.

Para muitos produtores, sacrificar se tornou um hábito, onde o sentimento de compaixão é suprimido ou até modificado em conformação ou normalidade. A supressão de emoções foi identificada como um mecanismo de defesa que remove a reação empática de alguém sobre algo (GROSSMAN; DEGAETANO, 1999). Esta conduta também foi encontrada em abatedores profissionais de animais (BLAZNIK, 2018), os quais eram propensos a

desenvolver uma forma de lidar que os distanciava e desconectava emocionalmente do ato de matar os animais (HAMILTON; MCCABE, 2016). Os produtores de leite deste estudo parecem exibir mecanismos de defesa semelhantes no intuito de se proteger dos efeitos psicológicos negativos que sacrificar o bezerro leiteiro gerava para continuar na atividade.

Os efeitos desta situação no aspecto emocional dos produtores de leite ainda não foram profundamente investigados. No entanto, os resultados indicam grande desconforto e desgosto com a prática de sacrificar o bezerro macho, o que pode influenciar negativamente a qualidade de vida dos produtores. Os produtores de leite podem ter sua saúde mental prejudicada pela necessidade de eliminar ou por não ter um destino adequado ao bezerro macho leiteiro. Estudos mostram que o número de suicídios é maior e crescente no meio rural do que no urbano (MILNER et al., 2018), principalmente entre homens e pessoas mais velhas (GARNHAM; BRYANT, 2014). Em um estudo realizado na mesma região, foi constatado que cerca de 20% dos suicídios são cometidos por agricultores (VIANA et al., 2008). O suicídio no meio rural é causado por diversos fatores, com destaque para problemas econômicos e pela utilização de agrotóxicos (REED; CLAUNCH, 2020). Encontraram que a necessidade de sacrificar um animal e o sofrimento dos animais do rebanho prejudicavam a saúde mental e eram fatores predisponentes ao suicídio em agricultores australianos. É importante as autoridades estarem atentas também ao caso de práticas da produção animal que causam desconforto nos agricultores, como o caso do sacrifício do bezerro macho, de acordo com este e outros estudos citados, já que ficou claro que possivelmente este problema seja um fator causador de instabilidade emocional para os produtores de leite. Por isso, o problema do bezerro macho também pode ser considerado um problema social e reforça a urgência de mudanças no sistema de produção leiteira. O assunto da morte de animais não-humanos do ponto de vista de quem sacrifica ou se considera obrigado a sacrificar ainda é pouco tratado em pesquisas científicas. Para nós, este é o estudo mais aprofundado que existe sobre o sacrifício do bezerro leiteiro na visão dos produtores de leite.

Identificamos uma percepção de pressão econômica sobre os produtores que os levavam a sacrificar o bezerro, apesar de desaprovarem a prática. As atitudes dissonantes dos produtores indicam que o viés econômico tem mais influência na tomada de decisão do produtor do que o valor da vida do animal. Diversas falas expressavam o sentimento de obrigação de eliminar os bezerros para evitar prejuízos e esta associação esteve presente na maioria das justificativas dadas pelos produtores. Percebemos aqui a influência e predomínio do pensamento utilitarista. Nessa perspectiva, o bezerro foi percebido como um produto ao invés

de um animal com um valor intrínseco, “um meio para um fim” do sistema de produção leiteira (AERTS et al., 2009). Este tipo de atitude representa um grande entrave para a mudança de perspectiva sobre o bezerro leiteiro, uma vez que interfere diretamente na fonte de renda dos produtores.

Através do discurso dos entrevistados, percebemos que o nascimento de uma bezerra era preferível pelo produtor. Entretanto, este apreço pela fêmea muitas vezes não provinha do seu valor econômico ou intrínseco, mas porque poupava o produtor da complicada decisão de sacrificar ou não o bezerro macho leiteiro. A decisão de sacrificar o macho recém-nascido, portanto, é influenciada fortemente pelo sistema de produção, uma vez que os machos têm pouco potencial de agregar renda naquele contexto. Um paralelo pode ser traçado com o descarte de pintainhos machos que não tem utilidade aparente no sistema de produção de ovos. Neste sistema também existem discussões a respeito da ética envolvendo o sacrifício desses animais. Entretanto, do ponto de vista econômico, descartar os pintainhos tem sido a alternativa mais rentável para a indústria de ovos, enquanto alternativas estão sendo discutidas e elaboradas (LEENSTRA et al., 2011). Portanto, o sistema econômico tem grande influência sobre o destino do bezerro leiteiro, ao mesmo tempo que provoca a sensação de impotência diante de um bezerro macho recém-nascido.

Sacrificar o bezerro macho recém-nascido também possui implicações ambientais. O descarte inadequado de cadáveres do animal pode causar problemas ambientais e sanitários. O enterro de animais tem o potencial de contaminação de cursos de águas e proliferação de patógenos (MAURO; SILVA, 2019). Uma limitação deste estudo foi não ter investigado em profundidade sobre a disposição de cadáveres de bezerros no ambiente, considerando que, na pesquisa de Pereira e Dutra (2012), 52% das propriedades de bovinos de corte mantinham os cadáveres de animais nos pastos. A legislação brasileira sobre este tema ainda é incipiente, o que dificulta a tomada de decisão do produtor. Apesar disto, a recomendação ambientalmente ideal para o descarte de animais sacrificados é a compostagem (KALBASI et al., 2005; MAURO; SILVA, 2019). O destino mencionado pela maioria dos entrevistados não condiz com a recomendação vigente, indicando que o caráter ambiental do destino do bezerro macho leiteiro deveria ser mais considerado e aprimorado no meio rural.

5.2 RAÇA JERSEY

A raça Jersey era considerada a mais adequada para a região estudada, de acordo com as vantagens apontadas pelos produtores de leite, principalmente a rusticidade. Apesar da produção menor de leite, a raça Jersey tem características boas para pequenas propriedades agrícolas e terrenos declivosos, como menor incidência de manqueira em sistemas a base de pasto (BRAN et al., 2018). Entretanto, o problema do bezerro macho leiteiro parece potencializado nessa raça, visto que o tamanho corporal da raça Jersey é visualmente menor do que outras raças leiteiras. Esta concepção é igual a de produtores do oeste de Santa Catarina (MARQUETTE, 2018), onde a produção leiteira é ainda mais expressiva. A crença de que a conversão alimentar de raças leiteiras é lenta (MUIR et al., 2000) e com menor rendimento de carcaça comparadas a raças de corte (COLEMAN et al., 2016) é bastante difundida entre os produtores.

A qualidade de carne Jersey se destacou como um atributo bastante apreciado na opinião dos entrevistados. Tal era o apreço ao sabor da carne Jersey que muitos produtores escolhiam engordar os bezerros machos Jersey para consumo próprio, apesar dos atributos negativos já mencionados. O alto grau de marmoreio e a maciez da carne são qualidades observadas nessa raça em comparação a raças de pura aptidão a carne (MALAU-ADULI et al., 2000). Contudo, parece que estas características, até o momento, não foram suficientes para difundir a produção e consumo de carne Jersey no mercado.

O *branding* da carne Jersey, dentro do contexto do bezerro macho leiteiro, pode agregar valor a estes animais e ser, potencialmente, um fator de valorização do macho Jersey oriundo do sistema de produção leiteira (BOLTON, 2019). Atualmente, o gado leiteiro é subvalorizado pelos compradores por causa da diferença do seu padrão de distribuição de gordura e de sua conformação corporal (BOWN et al., 2016). No entanto, estudos apontam que o *branding* da carne Jersey deve focar na qualidade da carne e no aspecto ético desta proposta para se estabelecer no mercado (NIELSEN, 2016; BOLTON, 2019). Para isso, deve haver um esforço entre todos os membros da cadeia do leite para mudança de paradigma em relação a carne do bezerro macho leiteiro. Além disso, a intenção de explorar um novo nicho de mercado através da engorda de bezerros Jersey também pode contribuir para a diversificação da renda dos produtores de leite.

Ainda que este estudo tenha sido baseado em rebanhos com predominância Jersey, acreditamos que os resultados gerais desta pesquisa também possam ser extrapolados para outras raças de leite, especialmente a raça Holandês.

5.3 BEZERRO MESTIÇO

Entre as alternativas disponíveis para a mitigação do problema do bezerro leiteiro na região, percebemos que gerar um bezerro mestiço foi a opção mais promissora. Algumas publicações já haviam apontado para o potencial do bezerro mestiço de fazendas leiteiras para a produção de carne (BOLTON, 2019; HASKELL, 2020), considerando que estes animais crescem mais rápido e tem maior aceitação no mercado (COLEMAN et al., 2016). Assim como a criação de bezerros machos Jersey, o cruzamento entre raças leiteiras e de corte foi citado como um recurso para aumentar e diversificar a renda do produtor. Este método era usado em vacas leiteiras do rebanho com menor desempenho econômico, como vacas com baixa produtividade de leite. Pesquisas recentes sugerem que isso, aliado ao sêmen sexado, é uma alternativa promissora para amenizar o problema do bezerro leiteiro (MURPHY et al., 2016; HOLDEN; BUTLER, 2018).

É interessante observarmos que o valor da vida do bezerro macho muda quando este é mestiço, a ponto de não ser eliminado. Isto acontece devido ao maior valor da carne de raças de corte para o mercado. Como consequência, os bezerros mestiços recém-nascidos machos ou fêmeas tem maior aceitação na cadeia produtiva, o que implica na redução da morte de bezerros leiteiros. Este contexto é positivo para o produtor, pois evita as preocupações com o bezerro leiteiro ao mesmo tempo que incrementa a sua fonte de renda. Não foi possível identificar precisamente quando esse tipo de manejo surgiu e se tornou popular entre os produtores de leite. Mundialmente, desde 2006 já existem incentivos na indústria leiteira para a criação de bezerros mais adaptados para a produção de carne (WEEKS, 2007). Entretanto, é possível que a necessidade de agregar valor ao bezerro macho, associada ao incentivo de comerciantes de sêmen bovino, tenha impulsionado a técnica na região.

Observamos que o cruzamento entre raças de aptidão distintas não seguia um padrão em relação à escolha da raça de corte e dependia da preferência do produtor. Contudo isso causava problemas no parto dos bezerros (distocia), já que o tamanho do touro tem influência no tamanho do bezerro (ZABORSKI et al., 2009) e, dependendo da raça envolvida, o bezerro poderia nascer maior do que a estrutura corporal da vaca comportava. A distocia pode causar dor, injúrias e baixa vitalidade nos bezerros recém-nascidos (MURRAY; LESLIE, 2013), além de comprometer o bem-estar das vacas por causar dor prolongada no parto (MAINAU; MANTECA, 2011). Os relatos de partos distócicos também foram encontrados em outros

estudos e, em alguns casos, estava associada a perdas produtivas (JOLLY, 2016). A distocia foi considerada um grande entrave para o uso de sêmen de corte em vacas leiteiras, de acordo com a opinião de produtores de leite da Nova Zelândia (OLIVER; MCDERMOTT, 2005).

O cruzamento entre as raças Jersey e Red Angus foi bem qualificada pelos entrevistados, apresentando poucos problemas de parto, boa aceitação para a venda e crescimento satisfatório. A criação do bezerro mestiço macho oriundo desse cruzamento demonstrou potencial de ser difundido como prática auxiliar no problema do bezerro macho leiteiro (FVE, 2017). As raças Aberdeen Angus e Wagyu foram recomendadas neste tipo de manejo por agregar valor ao animal e à sua carne (FVE, 2017). Estudos aprofundados sobre a raça mestiça ideal nas condições brasileiras poderiam ser conduzidos para superar as dificuldades existentes, visto que, conforme as atitudes dos produtores, não existe o conhecimento bem estabelecido para esta situação. Além disso, os envolvidos na cadeia leiteira poderiam fomentar a inseminação com raças de corte como alternativa rentável ao bezerro macho recém-nascido.

5.4 SÊMEN SEXADO

Observamos que a credibilidade do sêmen sexado na região era variável, tanto entre os usuários quanto entre os que nunca utilizaram este produto. No caso de quem nunca havia usado, as atitudes surgiram a partir da opinião e experiência de vizinhos ou contemporâneos. As principais queixas relatadas sobre o sêmen sexado ressaltaram o alto custo e a baixa eficiência do produto. Além disso, a baixa taxa de concepção é um desafio reconhecido na difusão do uso de sêmen sexado (SEIDEL JR; SCHENK, 2008; DEJARNETTE et al., 2011; HEALY; HOUSE; THOMSON, 2013). Entretanto, estudos recentes constataram que o desempenho reprodutivo tem melhorado em rebanhos bem manejados (XU, 2014; VISHWANATH; MORENO, 2018).

As vantagens do sêmen sexado foram revisadas por HOLDEN; BUTLER (2018) e consistem na redução do nascimento de bezerros machos leiteiros, melhor intensidade de seleção de vacas reprodutoras, menores barreiras ao cruzamento misto com raça Jersey permitindo maior produção de carne a partir de raças leiteiras, maior facilidade de criação de novilhas e maior biossegurança do rebanho. Contudo, os benefícios do sêmen sexado pareciam não ser suficientemente viáveis aos produtores. Dessa forma, o sêmen sexado estava desvalorizado pelo seu público-alvo, isto é, os produtores de leite. Supomos que uma mudança significativa no acesso a este produto aliado à assistência técnica capacitada e atuante

promoveria o crescimento de sua popularidade. Isto porque as atitudes dos produtores indicam falta de conhecimento técnico para aplicação eficiente do sêmen sexado.

O uso estratégico do sêmen sexado associado ao sêmen de corte é uma tendência nas pesquisas atuais (MCCULLOCK et al., 2013; MURPHY et al., 2016). Nesse método, o sêmen sexado é utilizado nas novilhas e em vacas geneticamente melhores para reposição do rebanho, enquanto o sêmen de corte é aplicado nas demais vacas para produção de carne. Considerando as atitudes observadas neste trabalho, constatamos que isto é um recurso potencial com boa aplicabilidade para os produtores de leite da região. Novos estudos poderiam desenvolver esse sistema de manejo reprodutivo na região.

5.5 TRANSPORTE

O transporte de bezerros recém-nascidos doados ou vendidos não condizia com as recomendações de boas práticas no transporte de bezerros (DA COSTA; QUINTILIANO; TSEIMAZIDES, 2013). Os métodos de transporte, especialmente em sacos, representavam um problema de bem-estar animal. A restrição do movimento aliada a mudança de ambiente evidenciava uma situação causadora de estresse. Bezerros machos transportados para criadores de vitelo apresentaram níveis moderado a alto de prevalência de desidratação, inflamação de umbigo, diarreia e depressão (PEMPEK et al., 2017). Diversos estudos mostraram que o transporte de bezerros prejudica o bem-estar animal, em razão de longas distâncias percorridas (UETAKE; TANAKA; SATO, 2011), novo contato com humanos (LENSINK et al., 2001), carregamento e descarregamento do veículo (CAVE; CALLINAN; WOONTON, 2005), restrição alimentar (BOULTON, A. et al., 2018) e incapacidade de se deitar (UETAKE; TANAKA; SATO, 2011). As mesmas implicações negativas podem ser assumidas para o transporte descrito neste estudo, uma vez que não houve menção de transporte considerando qualquer prática que favorecesse o bem-estar do animal. O transporte como relatado neste estudo, além de causar problemas fisiológicos, pode provocar uma experiência negativa e prejudicar o estado afetivo do animal. Sugerimos a condução de estudos avaliando os efeitos deste tipo de transporte em comparação aos demais modelos recomendados.

Observamos, através da descrição do transporte, que o problema do bezerro macho tinha implicações além da propriedade rural e não se limitava apenas às decisões tomadas pelo produtor no local de origem do animal. A responsabilidade do transporte pelo coletor expõe condições pouco ideais aos animais, uma vez que a tendência era a praticidade ao transportador,

conforme os resultados obtidos. O produtor, embora tivesse criado o animal em boas condições, não tinha mais influência sobre o cuidado do bezerro recolhido. Além disso, existia a falta de envolvimento da assistência técnica para capacitar os envolvidos a respeito das maneiras mais adequadas de transporte.

5.6 DOAÇÃO DE BEZERROS

A doação do recém-nascido surgiu como a alternativa mais proveitosa para aqueles que evitavam eliminar o macho recém-nascido. A prática frequente da doação de bezerros leiteiros entre os entrevistados indica inconformismo sobre o sacrifício ao nascer, aliada à vontade de que o bezerro seja útil no contexto agropecuário. Em diversas oportunidades os produtores mencionaram que não sacrificariam se não fosse preciso. O bezerro macho era comumente oferecido sem custo com o intuito de renunciar sobre a responsabilidade do destino do animal. Na literatura são raras as publicações que citam a doação como prática dentro do contexto do bezerro leiteiro. Isto pode ser um recurso criado por produtores de leite em países em desenvolvimento frente a falta de uma iniciativa de destinação adequada do bezerro leiteiro.

Apesar da doação ainda acontecer em alguns casos, os entrevistados apresentavam a preocupação crescente com as dificuldades enfrentadas ao doar o macho recém-nascido. Alguns entraves à doação foram observados na região estudada e devem ser considerados para a perpetuação dessa prática. Um deles é a necessidade de providenciar a Guia de Trânsito Animal (GTA), documento que autoriza e oficializa o transporte e transferência de posse de um animal. Outra limitação é a questão sanitária, uma vez que pode ocorrer a transmissão de doenças entre propriedades, como a brucelose, podendo levar a perdas de todo o rebanho. O transporte entre propriedades também é outro desafio a ser considerado, como descrito anteriormente.

A diminuição em interessados nestes animais inquietava os produtores sobre o futuro da doação como destino ao bezerro leiteiro, apesar dos esforços na divulgação em busca de interessados. Este cenário de escassez de interessados já havia sido descrito em outras pesquisas e contribui para a incerteza da atividade rural (HÖTZEL et al., 2014). A doação do bezerro macho recém-nascido era uma medida paliativa, visto que solucionava o problema temporariamente. Além disso, os produtores gostariam de ter a segurança de um destino adequado aos bezerros (que não envolvesse a morte sem propósito). Isso ficou evidente quando a proposta de um serviço de coleta de bezerros recém-nascidos agradou os entrevistados, que expressaram claramente a sua satisfação. Notamos que a doação resolvia o problema do produtor provisoriamente, mas pouco contribuía para a sua solução efetiva. Por isso,

consideramos a doação como um recurso viável, desde que conciliado a outras alternativas ao problema do bezerro leiteiro.

5.7 COLETA DE BEZERROS RECÉM-NASCIDOS

Diante do desafio que o nascimento de um bezerro causava para o produtor de leite, a proposta de uma destinação externa para estes animais teve grande aceitação entre os entrevistados. Esta alternativa proposta foi inspirada na prática de outros países com os bezerros excedentes, como a Nova Zelândia e Austrália (ANDERSON, 2020). Na visão dos produtores deste estudo, o benefício aconteceria porque exime o produtor do ato de sacrificar e do serviço de enterrar, ou ainda o produtor não criaria um animal que potencialmente lhe traria prejuízos. Além disso, há uma forte consideração pelo animal envolvida, por seu valor intrínseco.

Neste cenário, a maioria dos produtores preferia doar a vender o bezerro leiteiro, apesar de diversas falas mostrando o quanto o fator econômico é importante para eles. Mesmo com este cenário negativo ligado ao nascimento de um bezerro macho, os produtores tolerariam apenas doar este animal e, então, não se responsabilizar pela morte do animal. Esta alternativa, embora boa para os produtores, deve ser cuidadosamente pensada e adaptada para as condições brasileiras, para que se ajuste dentro da cadeia do leite e garanta o bem-estar dos animais. Diversas diretrizes podem ser baseadas na experiência de outros locais como Austrália, Nova Zelândia e União Europeia. Por exemplo, na Nova Zelândia os bezerros devem ter ao menos quatro dias de vida para serem transportados a um outro local, enquanto a Austrália estabelece cinco dias de vida. Observamos que o transporte no Brasil é um entrave significativo (ver discussão na seção Transporte). Isto porque a logística do país é precária, o clima tropical dificulta o bem-estar no transporte e o assunto recebe pouca atenção e atualização pelo governo (DA COSTA; QUINTILIANO; TSEIMAZIDES, 2013).

Iniciativas pontuais de recolhimento foram relatadas pelos entrevistados e muitas delas já não existiam mais. As causas disso não foram exploradas, mas pode ser que a ilegalidade e a falta de incentivos tenham barrado muitas dessas iniciativas. O êxito do recolhimento contínuo de bezerros requer a cooperação de todos os envolvidos com a cadeia do leite na elaboração e execução de um plano de ação adequado ao país, principalmente do setor público.

O sacrifício de bezerros sadios está sendo proibido em lugares como Dinamarca e Reino Unido, onde há metas para que isto aconteça até 2022 e 2023 (ANDERSON, 2020). É possível que o Brasil, sendo um grande produtor de leite, sofra pressão para banir a prática

também. Por isso, uma alternativa como o recolhimento teria que ser implementada para as inúmeras fazendas leiteiras existentes.

5.8 OPINIÃO SOBRE A ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Alguns grupos da sociedade têm abordado e exposto o problema do bezerro macho na produção leiteira, tema ainda pouco conhecido em relação a outros problemas agropecuários. Estes grupos, principalmente organizações protetoras de animais realizam campanhas em diversos países de modo a promover a discussão e mudanças de atitudes (SULLIVAN, 2018). Contudo, percebemos que, mesmo na origem do problema, o assunto é pouco ou nada discutido. A comunicação limitada entre produtores rurais e a assistência técnica tem sido relatada no campo (ZECCONI, 2015). Os técnicos e produtores hesitam em discutir concretamente o tema do bezerro macho e, quando o fazem, abordam a questão de forma superficial. Essas atitudes revelam o despreparo com que os envolvidos na cadeia leiteira tem lidado com esta situação no Brasil, o que pode causar um colapso quando a sociedade exigir mudanças, como apontado por (VON KEYSERLINGK; HÖTZEL, 2015).

A assistência técnica demonstrou ser deficiente em seu papel de agregar conhecimento e fomentar novas alternativas ao problema do macho recém-nascido na produção leiteira. Apesar de disponível e de possuir bastante interação com os produtores de leite, a assistência técnica, na opinião dos entrevistados, se absteve de discutir ou pouco se envolveu com o problema do bezerro macho na região. Dependendo da conduta dos técnicos, sua atuação pode inclusive agravar a situação através de recomendações que desrespeitam os padrões éticos e de bem-estar animal. Muitos profissionais ainda pareciam se basear na concepção de eliminar o bezerro macho como prática rotineira e o único documento técnico brasileiro que cita o manejo do bezerro leiteiro aconselha isto (DE CAMPOS; DE MORAES FERREIRA; PIRES, 2001). Apesar dos produtores não gostarem de sacrificar os bezerros, esta recomendação ainda era comumente difundida via assistência técnica, o que pode ter contribuído para sua determinação como prática rotineira.

O comportamento negligente dos técnicos, segundo os produtores, pode ser explicado pela visão de que não há implicação negativa de sacrificar o bezerro leiteiro recém-nascido. Tal atitude pode ser assumida baseada na falta de recomendações ou mesmo no incentivo a eliminação dos machos recém-nascidos. É possível que as razões para isto sejam as mesmas encontradas por (HÖTZEL; SNEDDON, 2013), onde os técnicos alegaram não instruir os produtores assumindo que ambos não acreditavam que a descorna era um procedimento

doloroso para o animal. Entretanto, as relações entre produtores e técnicos não foram investigadas detalhadamente neste trabalho. Sugerimos estudos aprofundados sobre a opinião e atitudes de profissionais da assistência técnica perante a situação do bezerro macho na produção leiteira.

5.9 OPINIÃO SOBRE CONSUMIDORES

Para muitos produtores, o que acontece no meio rural é negligenciado pelos consumidores que, na visão dos produtores rurais, desconhecem a rotina da propriedade rural (ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021); por não fazer parte do contexto da maioria da população, os produtores diferem da concepção que a sociedade tem sobre o campo e sobre o significado de bem-estar animal (CARDOSO, CLARISSA S.; VON KEYSERLINGK; HÖTZEL, 2019; ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021). Isso se aplica à criação de bezerros também. Essa percepção concorda com o baixo conhecimento de cidadãos brasileiros a respeito das práticas de criação animal (DE BARCELLOS et al., 2011; HÖTZEL et al., 2017; YUNES; VON KEYSERLINGK; HÖTZEL, 2017; HÖTZEL et al., 2020), embora algumas pesquisas mostraram indícios de familiaridade dos brasileiros com questões de bem-estar animal (YUNES et al., 2019; VANDRESEN; HÖTZEL, 2021). Parte dos produtores de leite deste estudo reconheceram que os consumidores estão interessados no bem-estar animal, como mostrado em outro estudo na região com produtores de suínos (ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021). No Reino Unido, onde o consumo de vitelo é mais comum, 59% do público declarou conhecer o destino do bezerro macho leiteiro, sendo que 72% destes respondentes relatou que os bezerros machos seriam mortos caso não fossem destinados à indústria de vitelo (SKELHORN et al., 2020).

A opinião dos produtores de leite deste estudo é de que os consumidores brasileiros romantizam a criação de bezerros. Há um apelo pelo “fofo” e pelo natural, influenciado principalmente pela forma que o *marketing* de produtos de origem animal apresenta a produção rural (BORKFELT et al., 2015). Além disso, a imagem da morte de um bezerro recém-nascido, que geralmente é descrito como “adorável”, pode desestimular o consumo e acentuar os critérios de bem-estar animal das pessoas (PETRACCI; SOGLIA; LEROY, 2018). No entanto, a realidade apresentada neste estudo é mais complexa e difere dessa concepção romântica. O problema do bezerro macho na visão dos cidadãos ainda é pouco abordado nas pesquisas científicas sobre o bem-estar dos animais zootécnicos. Os estudos mais recentes desta natureza

abordam a opinião de cidadãos brasileiros sobre a concepção de fazenda leiteira ideal (CARDOSO, C.; VON KEYSERLINGK; HÖTZEL, 2017) e a percepção de residentes do Reino Unido sobre o vitelo (SKELHORN et al., 2020).

Além disso, os resultados mostram que não interessa ao meio rural que as pessoas tenham consciência dessa realidade, porque não se conhece outra prática que tenha maior facilidade e viabilidade econômica do que a eliminação de bezerros recém-nascidos. Entretanto, caso os consumidores conhecessem a situação do bezerro macho de raça leiteira, os produtores temiam a condenação e reprovação de suas práticas sobre estes animais. Os produtores enxergavam os consumidores como uma ameaça ao seu modo de criar os animais, confirmando outro estudo realizado na mesma região (ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021). A reação dos produtores diante de um eventual diálogo com os consumidores de leite era desconfortável e, por vezes, até ríspida. Isto pode representar uma sensação de intimidação e, ao mesmo tempo, culpa por estar fazendo algo moralmente reprovado pela maioria das pessoas. Inclusive, isto demonstra certa concordância de valores morais entre produtores e consumidores. Contudo, os produtores, por vivenciarem a rotina rural e dependerem economicamente da produção leiteira, se submetiam a praticar atitudes que não lhe eram agradáveis. Apesar desse receio, Skelhorn et al. (2020) mostraram que o público acredita que os produtores se preocupam com os impactos econômicos e emocionais que o sacrifício do bezerro causa aos produtores de leite.

Os produtores sabiam da influência que os consumidores têm sobre a criação animal através do bem-estar animal. Um exemplo disso é a menção da atuação de sociedades protetoras de animais. Outro motivo é porque na região da pesquisa, que também se destaca pela suinocultura, mudanças no sistema de criação de porcas foram observadas (por exemplo, a implementação de baias coletivas para porcas) (ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021). Estas novas medidas são demandas pelos padrões de exportação exigidas pelo mercado consumidor. Apesar disso, observamos que as mudanças na rotina rural não eram bem recebidas por suinocultores (ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021), e provavelmente os produtores de leite reagiriam de forma semelhante.

A percepção de valorização excessiva dos animais de companhia pelos consumidores se destacou no discurso dos produtores. Os entrevistados justificaram que animais de companhia populares, como cães e gatos, eram extremamente valorizados pelas pessoas e que o apego excessivo a estes animais poderia ter implicações para o meio rural. De fato, VANDRESEN; HÖTZEL (2021) encontraram que os cidadãos que consideravam os animais

de companhia como membros da família, uma tendência crescentes nas sociedades urbanizadas, tinham mais atitudes negativas em relação a manter porcas gestantes em gaiolas. Na visão dos produtores, este tipo de atitude protetora poderia influenciar o manejo dos bezerros machos, culminando na proibição do sacrifício de machos recém-nascidos. Contudo, existe a preocupação de que essa mudança venha de forma unidirecional, como no caso das gaiolas para porcas e galinhas poedeiras. Nesse cenário, as mudanças desconsiderariam a opinião dos produtores, que são os principais envolvidos com a criação animal e considerados os guardiões do bem-estar animal rural (MEIJBOOM, 2018). O impacto de implementações deste tipo pode não ter os efeitos positivos esperados e pode, apenas, solucionar parte do problema.

5.10 OPINIÃO DOS PRODUTORES SOBRE BEM-ESTAR ANIMAL

Os produtores entrevistados associavam o bem-estar animal a fatores biológicos e ambientais, assim como produtores de suínos no sul do Brasil (ALBERNAZ-GONÇALVES; OLMOS; HÖTZEL, 2021) e membros da cadeia leiteira brasileira (CARDOSO, C.; VON KEYSERLINGK; HÖTZEL, 2017). Esta visão compreende as necessidades básicas para sobrevivência dos animais, desconsiderando os estados afetivos. Os entrevistados, nas suas concepções, falaram que promoviam o bem-estar dos seus animais. No entanto, o bem-estar animal era um conceito subjetivo para muitos produtores e por isso os animais poderiam estar sob condições pouco ideais de bem-estar. Além disso o bem-estar foi associado a produtividade, principalmente de acordo com o estado de saúde dos bezerros. O fato de que ainda existia produtores que desconhecem uma concepção mais ampla de bem-estar animal é algo alarmante. O bem-estar é um componente essencial da agricultura e não é algo novo, principalmente por causa das demandas dos cidadãos já incorporadas pela indústria de alimentos (VON KEYSERLINGK; HÖTZEL, 2015). Em algumas entrevistas houve certa aversão relacionada ao bem-estar animal. Isso porque alguns produtores alegaram passar por situações desconfortáveis em prol do bem-estar animal. O bem-estar animal é um desafio aos produtores e a indústria leiteira justamente porque confronta o meio mais fácil e mais confortável de criar os animais e de ganhar dinheiro. Contudo, consideramos importante que os produtores de leite se adaptem o quanto antes a esta maneira diferente de criar os animais, pois a tendência da agricultura envolve padrões cada vez mais exigentes de bem-estar animal.

A preocupação com o bem-estar dos animais criados dependia das atividades rurais exercidas e da individualidade de cada produtor. Foi comentado que a rotina de uma

propriedade rural geralmente é intensa, o que atrapalharia dedicação ao bem-estar. Entretanto, é possível que a pouca dedicação ao bem-estar animal seja porque os produtores não enxergam este elemento como prioridade para o êxito da produção de leite. Além disso, a empatia de cada produtor perante os animais também influenciava a maneira de criar os animais. É importante mencionarmos que os produtores rurais são pessoas sujeitas à diversas emoções diariamente. A agricultura é uma atividade emocionalmente exigente e as emoções humanas influenciam no manejo mais ou menos aversivo. Isso não pode ser uma justificativa para maus tratos aos animais, mas não podemos desconsiderar que as atitudes dos seres humanos são fortemente influenciadas por fatores psicológicos.

O escopo desta pesquisa não previu a abordagem da opinião dos produtores sobre as vacas separadas de seus bezerros e suas consequências para os animais. Contudo, este tema surgiu em algumas entrevistas, quando alguns mencionaram que não se sacrificava na frente da vaca pra não causar problemas na produção do leite e reprodução. A separação precoce de bezerros e vacas tem atraído a atenção dos cidadãos e pode ameaçar a sustentabilidade da indústria leiteira (VENTURA et al., 2016), conforme o conhecimento favoreça a rejeição da prática (HÖTZEL et al., 2017). Julgamos que este assunto deve ser considerado em pesquisas futuras, uma vez que o bezerro recém-nascido é fruto de gestação de uma vaca e o motivo pela qual, naturalmente, acontece a produção de leite.

5.11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos e atitudes dos produtores de leite entrevistados neste estudo indicam a falta de iniciativa para mudar o *status quo*, especialmente restrita pela questão econômica, pela sobrecarga de trabalho e pela forma como o sistema de produção está estruturado no sistema econômico vigente, o capitalismo. Identificamos que os produtores de leite enfrentam alguns entraves em relação ao destino do bezerro macho recém-nascido, como a alimentação, o alojamento e o transporte desses animais. O primeiro obstáculo percebido que levava os produtores a sacrificar o bezerro macho foi a alimentação do bezerro leiteiro nos primeiros dias de vida. Isto acontece porque o leite vendido vale financeiramente mais que o bezerro criado, ou seja, criar o bezerro torna-se inviável porque o leite deixa de ser comercializado para ser fornecido como alimento para um animal considerado pouco valioso. O local onde os bezerros criados seriam alojados também foi considerado um entrave, principalmente por competir com recursos tradicionalmente destinados às bezerras. Outro obstáculo identificado foi o transporte

desses animais, em razão do método empregado e falta de orientação técnica sobre o assunto. A superação desses entraves é necessária para promover o caráter sustentável da atividade leiteira.

Considerando estes desafios presentes na tomada de decisão sobre o destino do bezerro leiteiro, não é possível responsabilizar o produtor rural por realizar práticas controversas (como o sacrifício) diante da carência de alternativas viáveis. Para que o bezerro macho leiteiro deixe de ser considerado um problema, acreditamos que um caminho apropriado seja a difusão do conhecimento existente, aliado à criação de políticas públicas que apoiem mudanças significativas.

Baseado no resultado deste trabalho, em confronto com a realidade brasileira e com os conhecimentos existentes até o momento, sugerimos que uma das ações de transformação do sistema de produção leiteira seja através de políticas públicas. A política pública é o conjunto de decisões e ações tomadas pelo governo em prol da garantia de direitos da sociedade (PETERS, 1986) e, neste contexto, contribuiria para desenvolver alternativas viáveis para o destino do bezerro macho leiteiro e que fossem amplamente aderidas pelos produtores de leite, como a garantia de comercialização do gado Jersey a um preço justo.

Concomitantemente, outra atitude a ser implementada é a propagação do conhecimento técnico e científico disponível. A partir disto, recomendamos que o manejo mais indicado seria o uso estratégico de sêmen sexado aliado a inseminação de sêmen de raça corte nas vacas que melhor respondem ao sistema de produção do produtor. Esta alternativa permitiria a redução nos sacrifícios de bezerros e a expansão do potencial de mercado para a carne Jersey, mostrando ao produtor rural que o antes era considerado um excedente pode incrementar a renda familiar.

Por hora, não existe uma solução simples e objetiva. A superação do desafio do bezerro macho leiteiro requer a colaboração de produtores, assistência técnica, membros da indústria, da sociedade e do governo.

6 CONCLUSÃO

A partir do conhecimento e atitudes dos produtores, concluímos que eles dificilmente teriam iniciativa para promover mudanças nesse setor. O que observamos sobre o bezerro macho é que existe a preocupação e vontade, que ficam barradas pela questão econômica. Existem esforços individuais e pontuais, porém falta uma ação conjunta e estruturada para alavancar mudanças significativas a longo prazo diante do problema do bezerro macho leiteiro. O problema do bezerro macho não é apenas um problema de bem-estar animal, como esta pesquisa revela. É um desafio econômico, social, de saúde mental e ambiental. Nosso estudo indica que o problema está enraizado no sistema de produção de leite e com pouca perspectiva de melhoria. Além disso, traz à tona a necessidade de discutir e repensar caminhos que conciliem o bem-estar animal, as demandas da sociedade e viabilidade econômica, principalmente para o produtor de leite.

7 REFERÊNCIAS

- AERTS, S.; BOONEN, R.; BRUGGEMAN, V.; DE TAVERNIER, J.; DECUYPERE, E. Culling of day-old chicks: opening the debates of Moria. **Ethical futures: bioscience and food horizons**. Wageningen Academic Publishers, Wageningen, the Netherlands, v., n., p. 117-122, 2009.
- ALBERNAZ-GONÇALVES, R.; OLMOS, G.; HÖTZEL, M. J. My pigs are ok, why change? – animal welfare accounts of pig farmers. **Animal**, v., n., p. 100154, 2021.
- ALLEN, P. et al. Integrating social, environmental, and economic issues in sustainable agriculture. **American Journal of Alternative Agriculture**, v. 6, n. 1, p. 34–39, 1991.
- ANDERSON, E. **Premium beef potential for 'waste' dairy product**: secondary title, 2020.
- AVMA. **Guidelines for the euthanasia of animals: 2013 Edition**. Schaumburg, IL: American Veterinary Medical Association
- BALCÃO, L. F.; LONGO, C.; COSTA, J. H. C.; ULLER-GÓMEZ, C.; FILHO, L. C. P. M.; HÖTZEL, M. J. Characterisation of smallholding dairy farms in southern Brazil. **Animal Production Science**, v. 57, n. 4, p. 735-745, 2017.
- BALZANI A. V.; AMARAL C.; HANLON A.; A Perspective on the Use of Sexed Semen to Reduce the Number of Surplus Male Dairy Calves in Ireland: A Pilot Study. **Front. Vet. Sci.**, 2021
- BLAZNIK, M. Training young killers: How butcher education might be damaging young people. **Journal of Animal Ethics**, v. 8, n. 2, p. 199-215, 2018.
- BOLTON, S. **Beefing up the Response to Bobby Calves**. NORTH SYDNEY NSW. (Nuffield Australia Project No 1805)
- BORKFELT, S.; KONDRUP, S.; ROCKLINSBERG, H.; BJORKDAHL, K.; GJERRIS, M. Closer to nature? A critical discussion of the marketing of "ethical" animal products. **Journal of Agricultural & Environmental Ethics**, v. 28, n. 6, p. 1053-1073, 2015.
- BOULTON, A.; KELLS, N.; BEAUSOLEIL, N.; COGGER, N.; JOHNSON, C.; PALMER, A.; O'CONNOR, C. Bobby Calf Welfare Across the Supply Chain-Final Report for. v., n., p., 2018.
- BOULTON, A. C.; KELLS, N. J.; COGGER, N.; JOHNSON, C. B.; O'CONNOR, C.; WEBSTER, J.; PALMER, A.; BEAUSOLEIL, N. J. Risk factors for bobby calf mortality across the New Zealand dairy supply chain. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 174, n., p. 104836, 2020.
- BRAN, J. A.; DAROS, R. R.; VON KEYSERLINGK, M. A. G.; HÖTZEL, M. J. Lameness on Brazilian pasture based dairies – Part 1: Farmers' awareness and actions. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 157, n., p. 134-141, 2018.

BRASIL, **Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017**. Dispõe sobre a Unidade Familiar de produção Agrícola, institui o cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais. **Casa civil**. Brasília, 31 de maio de 2017; 196º da Independência e 129º da República. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9064.htm. Acesso em 29 de janeiro de 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; HAYFIELD, N.; TERRY, G. Thematic Analysis. In: Liamputtong, P. (Ed.). **Handbook of Research Methods in Health Social Sciences**. Singapore: Springer Singapore, 2019, p.843-860.

CARDOSO, C.; VON KEYSERLINGK, M.; HÖTZEL, M. J. Brazilian citizens: Expectations regarding dairy cattle welfare and awareness of contentious practices. **Animals**, v. 7, n. 12, p. 89, 2017.

CARDOSO C. S. **A Tomada de Decisão dos Agricultores Familiares do Noroeste De Santa Catarina Sobre o Manejo dos Animais na Atividade Leiteira com Ênfase no Bem-Estar Animal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) –Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

CARDOSO, C. S.; ULLER-GÓMEZ, C.; HÖTZEL, M. Congratulations, it's a boy... Smallholder dairy family farmers' attitudes regarding culling the newborn male calf. In: IV Brazilian Congress on Bioethics and Animal Welfare, 2017, Porto Alegre, Brazil:CFMV, p. CARDOSO, C. S.; VON KEYSERLINGK, M. G.; HÖTZEL, M. J. Views of dairy farmers, agricultural advisors, and lay citizens on the ideal dairy farm. **Journal of Dairy Science**, v. 102, n. 2, p. 1811-1821, 2019.

CAVE, J.; CALLINAN, A.; WOONTON, W. Mortalities in bobby calves associated with long distance transport. **Australian Veterinary Journal**, v. 83, n. 1-2, p. 82-84, 2005.

CENTNER, T. J. Limitations on the confinement of food animals in the United States. **Journal of Agricultural & Environmental Ethics**, v. 23, n. 5, p. 469-486, 2010.

CIPOLLA M., ZECCONI A. Short communication: study on veterinarian communication skills preferred and perceived by dairy farmers. **Res Vet Sci.**, 2015.

COLE, J. W.; RAMSEY, C. B.; HOBBS, C. S.; TEMPLE, R. S. Effects of Type and Breed of British, Zebu, and Dairy Cattle on Production, Carcass Composition, and Palatability. **Journal of Dairy Science**, 47(10), p. 1138–1144, 1964.

COLEMAN, L. W.; HICKSON, R. E.; SCHREURS, N. M.; MARTIN, N. P.; KENYON, P. R.; LOPEZ-VILLALOBOS, N.; MORRIS, S. T. Carcass characteristics and meat quality of Hereford sired steers born to beef-cross-dairy and Angus breeding cows. **Meat Science**, v. 121, n., p. 403-408, 2016.

DA COSTA, M.; QUINTILIANO, M.; TSEIMAZIDES, S. Boas Práticas de Manejo—Transporte. **MAPA/ACS: Brasília, Brazil**, v., n., p., 2013.

DAIRY AUSTRALIA. **Bobby Calves**: secondary title, 2020.

DE BARCELLOS, M. D.; KRYSTALLIS, A.; DE MELO SAAB, M. S.; KUEGLER, J. O.; GRUNERT, K. G. Investigating the gap between citizens' sustainability attitudes and food purchasing behaviour: empirical evidence from Brazilian pork consumers. **International Journal of Consumer Studies**, v. 35, n. 4, p. 391-402, 2011.

DE CAMPOS, A. T.; DE MORAES FERREIRA, A.; PIRES, M. D. F. Á. **Composição do rebanho e sua influência na produção de leite**. Brasília: EMBRAPA
DEJARNETTE, J. M.; LEACH, M. A.; NEBEL, R. L.; MARSHALL, C. E.; MCCLEARY, C. R.; MORENO, J. F. Effects of sex-sorting and sperm dosage on conception rates of Holstein heifers: Is comparable fertility of sex-sorted and conventional semen plausible? **Journal of Dairy Science**, v. 94, n. 7, p. 3477-3483, 2011.

DUNCAN, I. J. H. The changing concept of animal sentience. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 100, n. 1-2, p. 11-19, 2006.

EPAGRI/CEPA. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina, 2018–2019**.

Florianópolis, SC: Epagri/Cepa

FESTINGER, L. Cognitive Dissonance. **Scientific American**, v. 207, n. 4, p. 93-106, 1962.

FRUSCALSO, V.; ANTILLÓN, G. O.; HÖTZEL, M. J. Smallholder family farmers perceptions, attitudes and choices regarding husbandry practices that influence performance and welfare of lactating dairy calves. **Ciência Rural**, v. 47, n. 11, p. e20170184, 2017.

FVE. **FVE position on killing unwanted offspring in farm animal production**. Brussels: Federation of Veterinarians of Europe (AISBL), p.5

GARNHAM, B.; BRYANT, L. Problematising the Suicides of Older Male Farmers:

Subjective, Social and Cultural Considerations. **Sociologia Ruralis**, v. 54, n. 2, p. 227-240, 2014.

GROSSMAN, D.; DEGAETANO, G. **Teaching our Kids to Kill: a Call to Action against TV, Movie and Video Violence**. New York: Random House, 1999

GULLIVER, A. **Manuka dairy farm under investigation in Chile**: secondary title, 2014.

HAMILTON, L.; MCCABE, D. 'It's just a job': Understanding emotion work, de-animalization and the compartmentalization of organized animal slaughter. **Organization**, v. 23, n. 3, p. 330-350, 2016.

HASKELL, M. J. What to do with surplus dairy calves? Welfare, economic and ethical considerations. **Landbauforschung**, v. 70, n. 1, p. 45-48, 2020.

HEALY, A.; HOUSE, J.; THOMSON, P. Artificial insemination field data on the use of sexed and conventional semen in nulliparous Holstein heifers. **Journal of Dairy Science**, v. 96, n. 3, p. 1905-1914, 2013.

- HOLDEN, S. A.; BUTLER, S. T. Review: Applications and benefits of sexed semen in dairy and beef herds. **animal**, v., n., p. 1-7, 2018.
- HÖTZEL, M. J.; SNEDDON, J. N. The role of extensionists in Santa Catarina, Brazil, in the adoption and rejection of providing pain relief to calves for dehorning. **Journal of Dairy Science**, v. 96, n. 3, p. 1535-1548, 2013.
- HÖTZEL, M. J.; LONGO, C.; BALCÃO, L. F.; CARDOSO, C. S.; COSTA, J. H. C. A survey of management practices that influence performance and welfare of dairy calves reared in Southern Brazil. **Plos One**, v. 9, n. 12, p. e114995, 2014.
- HÖTZEL, M. J.; ROSLINDO, A.; CARDOSO, C. S.; VON KEYSERLINGK, M. A. G. Citizens' views on the practices of zero-grazing and cow-calf separation in the dairy industry: Does providing information increase acceptability? **Journal of Dairy Science**, v. 100, n. 5, p. 4150-4160, 2017.
- HÖTZEL, M. J.; YUNES, M. C.; VANDRESEN, B.; ALBERNAZ-GONÇALVES, R.; WOODROFFE, R. E. On the Road to End Pig Pain: Knowledge and Attitudes of Brazilian Citizens Regarding Castration. **Animals**, v. 10, n. 10, p., 2020.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Agropecuário 2006**: secondary title, 2006. 2015.
- JOLLY, A. **Bobby calves: The game changers within New Zealand's supply chain**. Kellog LEENSTRA, F.; MUNNICH, G.; BEEKMAN, V.; VAN DEN HEUVEL-VROMANS, E.; ARAMYAN, L.; WOELDERS, H. Killing day-old chicks? Public opinion regarding potential alternatives. **Animal Welfare**, v. 20, n. 1, p. 37-45, 2011.
- KALBASI, A.; MUKHTAR, S.; HAWKINS S.E.; AUVERMANN B.W. Carcass Composting for Management of Farm Mortalities: A Review. **Compost Science & Utilization**, v. 13, No. 3, p. 180-193, 2005.
- LENSINK, B.; RAUSSI, S.; BOIVIN, X.; PYYKKÖNEN, M.; VEISSIER, I. Reactions of calves to handling depend on housing condition and previous experience with humans. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 70, n. 3, p. 187-199, 2001.
- MAINAU, E.; MANTECA, X. Pain and discomfort caused by parturition in cows and sows. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 135, n. 3, p. 241-251, 2011.
- MALAU-ADULI, A. E. O.; EDRISS, M. A.; SIEBERT, B. D.; BOTTEMA, C. D. K.; PITCHFORD, W. S. Breed differences and genetic parameters for melting point, marbling score and fatty acid composition of lot-fed cattle. **Journal of Animal Physiology and Animal Nutrition**, v. 83, n. 2, p. 95-105, 2000.
- MAPA. **INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 1, DE 9 DE JANEIRO DE 2002**: secondary title, 2002.

- MARQUETTE, G. A. **Atitudes de produtores de leite em relação aos fatores de risco associados à ocorrência de claudicação em rebanhos a base de pasto.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- MCCULLOCK, K.; HOAG, D. L.; PARSONS, J.; LACY, M.; SEIDEL JR, G. E.; WAILES, W. Factors affecting economics of using sexed semen in dairy cattle. **Journal of Dairy Science**, v. 96, n. 10, p. 6366-6377, 2013.
- MAURO, R. D. A.; SILVA M. P.; Métodos de destino final de animais mortos de médio e grande porte no Brasil COMUNICADO TÉCNICO 144 Brasília, DF Setembro, 2019
- MEIJBOOM, F. L. B. More Than Just a Vet? Professional Integrity as an Answer to the Ethical Challenges Facing Veterinarians in Animal Food Production. **Food Ethics**, v. 1, n. 3, p. 209-220, 2018.
- MILNER, A.; SPITTAL, M. J.; PIRKIS, J.; LAMONTAGNE, A. D. Suicide by occupation: Systematic review and meta-analysis. **British Journal of Psychiatry**, v. 203, n. 6, p. 409-416, 2018.
- MINAYO, M. C. S. Qualitative analysis: theory, steps and reliability. **Ciencia & saude coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.
- MUIR, P. D.; WALLACE, G. J.; DOBBIE, P. M.; BOWN, M. D. A comparison of animal performance and carcass and meat quality characteristics in Hereford, Hereford × Friesian, and Friesian steers grazed together at pasture. **New Zealand Journal of Agricultural Research**, v. 43, n. 2, p. 193-205, 2000.
- MORRIS, S. T.; NAVAJAS, E.; BURNHAM, D. L. *Beef Production from Jersey Cattle.* (2001). Disponível em: < <http://www.stbrigidsfarm.com/WhyJerseyBeef.pdf> >. Acesso em 20 Novembro 2020.
- MURPHY, C.; SHALLOO, L.; HUTCHINSON, I. A.; BUTLER, S. T. Expanding the dairy herd in pasture-based systems: The role of sexed semen within alternative breeding strategies. **Journal of Dairy Science**, v. 99, n. 8, p. 6680-6692, 2016.
- MURRAY, C. F.; LESLIE, K. E. Newborn calf vitality: Risk factors, characteristics, assessment, resulting outcomes and strategies for improvement. **Veterinary Journal**, v. 198, n. 2, p. 322-328, 2013.
- NIELSEN, M. D. Exploring the market potential of Jersey bull calf meat in Denmark—a case study research. v., n., p., 2016.
- NIELSEN SS, Alvarez J, Bicout DJ, Calistri P, Depner K, Drewe JA, et al. Killing for purposes other than slaughter. poultry. **EFSA J.**, 2019.
- OLIVER, L.; MCDERMOTT, A. More beef calves from the dairy industry: a survey. In: Proceedings of the New Zealand Grassland Association, 2005, p. 73-79.

- OLMOS, G.; BRAN, J. A.; VON KEYSERLINGK, M. A. G.; HÖTZEL, M. J. Lameness on Brazilian pasture based dairies – Part 2: Conversations with farmers and dairy consultants. **Preventive Veterinary Medicine**, v. 157, n., p. 115-124, 2018.
- PEMPEK, J.; TREARCHIS, D.; MASTERSON, M.; HABING, G.; PROUDFOOT, K. Veal calf health on the day of arrival at growers in Ohio. **Journal of Animal Science**, v. 95, n. 9, p. 3863-3872, 2017.
- PERCEVAL, M.; KÖLVES, K.; ROSS, V.; REDDY, P.; DE LEO, D. Environmental factors and suicide in Australian farmers: A qualitative study. **Archives of Environmental & Occupational Health**, v. 74, n. 5, p. 279-286, 2019.
- PEREIRA, F. B. E DUTRA, I.S. Diagnóstico de situação das práticas de manejo sanitário em Sistemas de produção de bovinos de corte **Vet. e Zootec.** v.19(4): p. 522-530. 2012.
- PETERS, B. G. American Public Policy. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986.
- PETRACCI, M.; SOGLIA, F.; LEROY, F. Rabbit meat in need of a hat-trick: from tradition to innovation (and back). **Meat Science**, v. 146, n., p. 93-100, 2018.
- REED, D. B.; CLAUNCH, D.T. Risk for Depressive Symptoms and Suicide Among U.S. Primary Farmers and Family Members A Systematic Literature Review. **Workplace Health & Safety**. v. 65 n. 5, p. 236-248, 2020
- RENAUD, D. L.; DUFFIELD, T. F.; LEBLANC, S. J.; HALEY, D. B.; KELTON, D. F. Management practices for male calves on Canadian dairy farms. **Journal of Dairy Science**, v. 100, n. 8, p. 6862-6871, 2017.
- ROLLER, M. R.; LAVRAKAS, P. J. **Applied qualitative research design: A total quality framework approach**: Guilford Publications, 2015
- SEIDEL JR, G. E.; SCHENK, J. Pregnancy rates in cattle with cryopreserved sexed sperm: effects of sperm numbers per inseminate and site of sperm deposition. **Animal Reproduction Science**, v. 105, n. 1-2, p. 129-138, 2008.
- SKELHORN, E. P. G.; GARCIA-ARA, A.; NOVA, R. J.; KINSTON, H.; WAPENAAR, W. Public opinion and perception of rosé veal in the UK. **Meat Science**, v. 167, n., p. 108032, 2020.
- SULLIVAN, K. **Be Fair Be Vegan campaign: Vegans ramp up their cause**: secondary title, 2018.
- UETAKE, K.; TANAKA, T.; SATO, S. Effects of haul distance and stocking density on young suckling calves transported in Japan. **Animal Science Journal**, v. 82, n. 4, p. 587-590, 2011.
- USDA. **Veal from Farm to Table - Food Safety Information**: secondary title: United States Department of Agriculture Food Safety and Inspection Service, 2021, 6 p.

VAN CALKER, K. J.; BERENTSEN, P. B. M.; GIESEN, G. W. J.; HUIRNE, R. B. M. Identifying and ranking attributes that determine sustainability in Dutch dairy farming. **Agriculture and Human Values**, v. 22, n. 1, p. 53-63, 2005.

VANDRESEN, B.; HÖTZEL, M. J. Pets as family and pigs in crates: Public attitudes towards farrowing crates. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 236, n., p. 105254, 2021.

VENTURA, B. A.; VON KEYSERLINGK, M. A. G.; WITTMAN, H.; WEARY, D. M. What difference does a visit make? Changes in animal welfare perceptions after interested citizens tour a dairy farm. **PLoS ONE**, v. 11, n. 5, p. e0154733, 2016.

VIANA, G. N.; ZENKNER, F. D. M.; SAKAE, T. M.; ESCOBAR, B. T. Prevalência de suicídio no Sul do Brasil, 2001-2005. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n., p. 38-43, 2008.

VISHWANATH, R.; MORENO, J. Semen sexing—current state of the art with emphasis on bovine species. **Animal**, v. 12, n. s1, p. s85-s96, 2018.

VON KEYSERLINGK, M. A. G.; HÖTZEL, M. J. The ticking clock: Addressing farm animal welfare in emerging countries. **Journal of Agricultural & Environmental Ethics**, v. 28, n. 1, p. 179-195, 2015.

VON KEYSERLINGK, M. A. G.; WEARY, D. M. A 100-year review: Animal welfare in the Journal Of Dairy Science—the first 100 years. **Journal of Dairy Science**, v. 100, n. 12, p. 10432-10444, 2017.

WEARY, D. M.; VENTURA, B. A.; VON KEYSERLINGK, M. A. G. Societal views and animal welfare science: understanding why the modified cage may fail and other stories. **Animal**, v. 10, n. 02, p. 309-317, 2016.

WEEKS, C. **UK CALF TRANSPORT AND VEAL REARING**. Surrey: CIWF
XU, Z. Application of liquid semen technology improves conception rate of sex-sorted semen in lactating dairy cows. **Journal of Dairy Science**, v. 97, n. 11, p. 7298-7304, 2014.

YUNES, M. C.; VON KEYSERLINGK, M. A. G.; HÖTZEL, M. J. Brazilian citizens' opinions and attitudes about farm animal production systems. **Animals**, v. 7, n. 10, p. 75, 2017.

YUNES, M. C.; TEIXEIRA, D. L.; VON KEYSERLINGK, M. A. G.; HÖTZEL, M. J. Is gene editing an acceptable alternative to castration in pigs? **PLOS ONE**, v. 14, n. 6, p. e0218176, 2019.

ZABORSKI, D.; GRZESIAK, W.; SZATKOWSKA, I.; DYBUS, A.; MUSZYŃSKA, M.; JEDRZEJCZAK, M. Factors Affecting Dystocia in Cattle. **Reproduction in domestic animals**, v 4, p. 540-551, 2009.

8 APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Sexo, Idade, Tempo de atuação na produção leiteira, Quantidade de Vacas em lactação

Quantas bezerras você tem na propriedade? Até 1 ano? No leite?

Quantos bezerros você tem na propriedade? Até 1 ano? No leite?

O que faz com os bezerros machos que nascem na sua propriedade?

[sacrifica / doa / engorda / vende]

O que você acha/sente quando nasce uma bezerra? Por quê?

E um bezerro macho? Por quê?

Na sua propriedade, costumam nascer mais fêmeas ou machos? No último ano, como foi essa quantidade?

E isso é bom ou ruim para você? Por quê?

Você faz alguma prática para obter mais fêmeas? O que?

Conhece alguma técnica/prática para aumentar a chance de nascer fêmeas?

Já ouviu falar em sêmen sexado na inseminação artificial?

Você usa aqui na sua propriedade? Quem recomendou?

Já usou alguma vez? O que achou disso? Por que não usa mais?

Sabe de alguém que já usou? O que ele achou? Funcionou?

Qual a raça que cria? [pura, mista, dupla aptidão, rebanho de leite e outro misto] e dos bezerros?

Por que escolheu essa raça?

SE SACRIFICA, por quê?

Desde quando sacrifica?

Por que não cria?

O que acha da carne dessa raça?

Por que não doa?

Como sacrifica?

Usa alguma coisa antes para dor ou para “dormir” (sedativo)?

Com quantos dias [tempo] sacrifica?

É você mesmo quem sacrifica ou outra pessoa? Por quê?

O que você sente quando sacrifica o bezerro?

SE DOA O BEZERRO MACHO

Por que doa?

Para quem?

Desde quando doa?

Sabe como serão criados os bezerros neste local?

Sabe como é o transporte destes bezerros doados?

SE VENDE O BEZERRO MACHO

Por que vende?

Para quem?

Desde quando?

Por que começou a vender? Alguém indicou?

Com quanto tempo vende os bezerros?

SE CRIA O BEZERRO MACHO

Por que cria?

O que te motiva a criar o bezerro macho?

Qual a finalidade? [Venda, consumo...]

Vale a pena criar o bezerro macho? Por quê?

Como cria os bezerros? (se cria junto das terneiras, até quanto tempo?)

Tempo de sacrificio ou venda desses animais?

Fornece colostro para os bezerros? Quantidade, método?

Acha que essa quantidade é suficiente?

Fornecimento de leite para os bezerros. Quantidade, frequência, método.

Acha que essa quantidade é suficiente?

Quanto tempo fica só no leite?

Fornece outro tipo de alimentação aos bezerros? A partir de quantos dias?

Separa da vaca? Tempo, por quê?

Amocha? Como é feito?

Castra? Como é feito?

Como é o alojamento dos bezerros?

Individual ou coletivo? Galpão ou Pasto?

Bezerros têm acesso ao pasto? Com quanto tempo vai para o pasto?

O dia todo ou parcialmente?

Quais os problemas mais comuns nos bezerros?

Quantos bezerros machos morreram por doenças no último ano? Por quê/quais as causas?

Você procura assistência técnica (técnicos) para conversar sobre a criação de bezerras e bezerros? Sobre o que vocês discutem?

Já ouviu falar/conhece alguém que cria SÓ o macho? Para quem vende?

Se sim, para sabe para onde é vendido o animal?

Conhece alguém que insemina as vacas de leite com raça de corte?

Pensa em fazer o mesmo? Por quê?

Já matou bezerros antes? Se sim, por quê? Por que não faz mais essa prática?

Se tivesse alguém legalizado recolhendo os machos, o que acharia?

E se tivesse que cuidar desse bezerro por um tempo, até vir essa pessoa, até quantos dias você poderia criar sem que causasse prejuízo ou incômodo para você?

Você conversa com outros produtores sobre o bezerro macho de leite? Sobre o que vocês conversam?

Já matou bezerras antes? Se sim, por quê? Por que não faz mais essa prática?

Já ouviu falar em bem-estar animal?

Para você, o que é um bezerro com bem-estar animal?

Você acha que os outros produtores de leite se importam com bem-estar dos bezerros?

Você acha que os consumidores se importam com bem-estar dos bezerros?

Você acha que os consumidores se importam sobre como os bezerros/se importam que muitos machinhos morrem ao nascer? (*Deixa falar*)